

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
CAMPINAS

FABIANA FOLLADOR e AMBROSIO

**O estilo clínico 'Ser e Fazer'**  
na investigação de benefícios  
clínicos de psicoterapias

FABIANA FOLLADOR e AMBROSIO

**O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Livre Docente  
Tânia Maria José Aiello Vaisberg

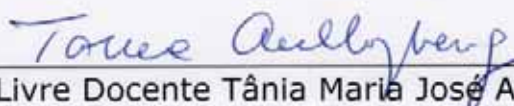
Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e Informação  
– SBI – PUC Campinas – Processos Técnicos

t157.9 A496e	Ambrosio, Fabiana Follador e. <b>O estilo clínico 'Ser e Fazer'</b> na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias / Fabiana Follador e Ambrosio. – Campinas: PUC Campinas, 2013. 114p. Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós Graduação em Psicologia. Inclui bibliografia. 1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Psicoterapia. 4. Heurística. I. Aiello-Vaisberg, Tânia Maria José. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós Graduação em Psicologia. III. Título.
-----------------	---

FABIANA FOLLADOR e AMBROSIO

*O estilo clínico 'Ser e Fazer'*  
NA INVESTIGAÇÃO DE BENEFÍCIOS  
CLÍNICOS DE PSICOTERAPIAS

BANCA EXAMINADORA



---

Prof<sup>ª</sup>. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tania Mara Marques Granato



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elisa Medici Pizao Yoshida



---

Prof. Livre Docente Manoel Antônio dos Santos



---

Prof. Dra. Leda Maria Codeço Barone

À  
Maria Lúcia,  
minha mãe,  
pelo constante incentivo, por  
acompanhar respeitosamente cada  
uma de minhas escolhas, por seu  
amor e confiança que me  
estimulam hoje e que sempre me  
acompanharão.

A todos aqueles que ousaram imaginar a possibilidade de fazer algo diferente e que, com generosidade e respeito, compartilharam suas inovações, transformando o mundo em um lugar melhor, minha gratidão

Sinto-me uma pessoa afortunada.

Em momentos como esse, quando podemos dedicar um lugar especial para agradecer aos companheiros de jornada, lembranças nos invadem. Histórias há muito guardadas tomam vida e, tal como num filme, quadros são exibidos em preto e branco, outros tantos aparecem com cores pálidas e, mais recentemente, em versão digital. Encontros são revividos, enchendo a atmosfera de suspiros, sorrisos, lágrimas.

Escrever sobre esses instantes foi facilitado por materialidades. Entusiasmada com a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças, resolvi agradecer aos companheiros de jornada presentificando-os nas fotografias que compõem o fundo desse texto. Acredito que muitos poderão encontrar o registro de participação em congressos, em brincadeiras, em solenidades.

A todos, sinceramente agradeço. Agradeço pela compreensão, pelos ensinamentos, pelo cuidado, pela disponibilidade, pelo carinho, por proporcionar diretrizes, pelo acolhimento respeitoso.

Sou profundamente grata à Professora Tânia Maria José Aiello Vaisberg, minha orientadora, com quem tenho o privilégio de conviver nos últimos 18 anos. Responsável por muitas alegrias em minha vida, sua presença constante, o cuidado, respeito, dignidade que permeiam todas as suas ações inspiram meu crescimento pessoal e profissional.

Aos Professores Claudia Aranha Gil, Elisa Medici Pizao Yoshida, Leda Maria Codeço Barone, Manoel Antônio dos Santos, Tania Mara Marques Granato, que dedicaram sua atenção e tempo à leitura desse trabalho, colaborando com seus questionamentos, suas sugestões e opiniões.

Aproveito para declarar minha enorme satisfação em participar dos grupos de orientação da Profa. Tânia, que acolhem as dúvidas, promovem debates importantíssimos, facilitam trocas de experiência e agradáveis “encontros brincantes”, contribuindo intensamente para que nos tornemos pesquisadores rigorosos, éticos e sensíveis.

À Professora Vera Lucia Trevisan de Souza, coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia como Ciência e Profissão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, profissional empenhada em garantir e melhorar as condições para o desenvolvimento de trabalhos como este, agradeço pelo apoio e pelo carinho.

À Elaine Cristina Machado Oliveira, Eliane Pereira Silva e Maria Amélia Gonçalves, que muito trabalham e torcem para o constante crescimento do nosso Programa de Pós, sou grata por toda ajuda que recebi. Certamente a presença de vocês é um diferencial valioso.

Ao CNPq que ofereceu assistência financeira, possibilitando a realização de mais este trabalho.

VIVIANE MURAN - ADRIANA MICELLI BAPTISTA - ANDREA ARRUDA BOTELHO BORGES - CLARISSA MEDEIROS - CHRISTIANE CAMPS - GISELA SIGAUD FURQUIM - LÍGIA MASAGÃO VITALI (*IN MEMORIAM*) - MARIA CHRISTINA LOUSADA MACHADO - ROBERTA ELIAS MANNA - VERA LÚCIA MENCARELLI - WALKÍRIA CORDENONSSI CIA - YARA ISHARA - YARA BASTOS CORRÊA - MARIANA LEME DA SILVA PONTES - ALINE VILARINHO MONTEZI - CRISTIANE HELENA DIAS SIMÕES - MIRIAM TACHIBANA - ELISA CORBETT - FABIO RIEMENSCHNEIDER - KATIA PANFIETE ZIA - MARIA JULIA SOUZA CHINALIA - RAFAEL AIELLO FERNANDES - SUELI REGINA GALLO BELLUZZO - TOMÍRIS FORNER BARCELOS - ALEX ALEXANDRE FIALHO - DOMENICO UHNG HUR - LISETTE WEISSMANN SEIDMANN - PABLO DE CARVALHO GODOY CASTANHO - THAMY AYOUC

# Resumo

AMBROSIO, Fabiana Follador e. *O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Campinas, 2013. 114p.

O presente trabalho tem como objetivo descrever o *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas* e demonstrar sua potencialidade heurística. Trata-se de proposta que pode ser considerada uma alternativa fecunda no campo das investigações qualitativas, caracterizando-se como estratégia de operacionalização do método psicanalítico. Contrapondo-se ao posicionamento daqueles que consideram as psicoterapias como experiências cientificamente inabordáveis, este trabalho justifica-se a partir de perspectiva ética e investigativa segundo a qual toda e qualquer prática clínica pode e deve ser examinada em termos de seu poder de gerar - ou não - benefícios consistentes. Exige, também, que os termos usados nas pesquisas sobre a eficácia clínica sejam suficientemente claros para que possam ser estabelecidas interlocuções com psicólogos que se valem de outros referenciais teórico-metodológicos, com profissionais de outras áreas e também com a sociedade. Metodologicamente, o presente estudo realiza-se por meio da apresentação do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas* e do exame de sua utilização, efetuado considerando-se material clínico proveniente de uma investigação científica, já publicada, realizada independentemente por outro pesquisador. Pode ser demonstrado que o procedimento é clinicamente útil, na medida em que favorece uma percepção compreensiva, tanto de movimentos mutativos, como de dificuldades eventuais que estejam em jogo. Fica assim firmada uma alternativa de avaliação de eficácia clínica que, mantendo-se maximamente próxima do acontecer humano e da dramática que neste se expressa, guarda coerência com o método psicanalítico e com as demais perspectivas qualitativas, que consideram a conduta humana em termos de ação e sentido.

## Palavras-chave

pesquisa psicanalítica – pesquisa qualitativa - avaliação de resultado de intervenções terapêuticas - psicoterapia psicanalítica  
– **estilo clínico 'Ser e Fazer'**

# Abstract

AMBROSIO, Fabiana Follador e. *'Being and Doing' clinical style in clinical efficiency researches of psychotherapies*. 2013. Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Campinas, 2013.

This paper describes the *"Being and Doing" Accompaniment Procedure of Psychotherapeutic Interventions* and also demonstrates its heuristic potential. It is a proposal which can be considered a fertile alternative inside the qualitative investigation field, being a psychoanalytical method of operation strategy. Counteracting the point of view which considers the psychotherapies as intangible scientific experiments, this paper has its bases on the ethical and investigative perspective, according to which all clinical practices can be and must be examined according to its power to generate – or not – consistent benefits. It also demands that the terms used in the clinical efficiency researches be clear enough in order to establish the communication between psychologists, who refer to other theoretical and methodological sources, and professionals from other fields as well as the society. Methodologically, this study is realized through the *"Being and Doing" Accompaniment Procedure of Psychotherapeutic Interventions* and examining its usage, considering the clinical material produced from a scientific investigation, already published, independently conducted by other researchers. It can be shown that the clinical procedure is useful since it helps a comprehensive perception not only of mutative movements but also of any occasional difficulty that can be discussed. Therefore, it is settled an alternative to the clinical efficiency evaluation that, being as close as possible to the human event and the dramatic expressed here, is coherent with the psychoanalytical method and with the other qualitative perspectives which consider the human acting in terms of action and sense.

## Index words

psychoanalytical research – qualitative research – therapeutic intervention result evaluation – psychoanalytical psychotherapy – 'Being and Doing' clinical style



# Resumen

AMBROSIO, Fabiana Follador e. *El estilo clínico 'Ser y Hacer' en la investigación de beneficios clínicos de las psicoterapias*. 2013. Tesis (Doctorado en Psicología) – Pontificia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Campinas, 2013.

El presente trabajo tiene como objetivo describir el *Procedimiento 'Ser y Hacer' de Acompañamiento de las Intervenciones Psicoterapéuticas* y, además, demostrar su potencialidad heurística. Se trata de una propuesta que se puede considerar una alternativa fecunda en el ámbito de las investigaciones cualitativas, y se caracteriza como estrategia de operacionalización del método psicoanalítico. En oposición al posicionamiento de los que juzgan las psicoterapias como experiencias científicamente inabordables, este trabajo se justifica a partir de la perspectiva ética e investigativa según la cual toda y cualquier práctica clínica puede y debe ser examinada en términos de su capacidad de generar – o no – beneficios consistentes. Además, exige que los términos utilizados en las investigaciones respecto a la eficacia clínica sean suficientemente claros, para que se puedan establecer interlocuciones con psicólogos que hacen uso de otras referencias teóricas o metodológicas, con profesionales de otras áreas e, asimismo, con la sociedad. En cuanto a la metodología, este estudio se realiza por medio de la presentación del *Procedimiento 'Ser y Hacer' de Acompañamiento de las Intervenciones Psicoterapéuticas* además del análisis de su utilización, análisis que se llevó a cabo teniendo en cuenta material clínico proveniente de investigación científica publicada anteriormente, y realizado de manera independiente por otro investigador. Se puede demostrar que el procedimiento es clínicamente útil, pues favorece una percepción comprensiva, tanto de movimientos mutantes como de eventuales dificultades que estén en juego. Se establece, de esa manera, una alternativa de evaluación de eficacia clínica que, por mantenerse máximamente cercana del acontecer humano e de la dramática que en el se expresa, guarda coherencia con el método psicoanalítico y con las demás perspectivas cualitativas, que consideran la conducta humana en términos de acción y sentido.

## Palabras clave

investigación psicoanalítica – investigación cualitativa - evaluación de resultados de intervenciones terapéuticas - psicoterapia psicoanalítica – estilo clínico 'Ser y Hacer'

# Prólogo



Arte de Papel, 'Ser e Fazer'. Confeccionando folhas de papel reciclado artesanal, com a adição de flores secas e folhagens.  
(Imagem: Fabiana Follador e Ambrosio)

## *Um lugar na 'Ser e Fazer'*

*Desde muito tempo encontro-me ligada à 'Ser e Fazer'. Inicialmente compreendida como um espaço institucional de atendimento psicológico e de investigação científica, hoje também é reconhecida por seu estilo próprio de clinicar e pesquisar.*

*Em 1997, após concluir a Graduação no curso de Psicologia e com o início das Oficinas Psicoterapêuticas de Criação no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, passei a ser responsável pelos atendimentos psicológicos de um grupo que acontecia semanalmente, intitulado "Oficina Arte de Papel". Em pesquisa anterior (Ambrosio, 2005), apresentei o que era então compreendido como uma nova modalidade de intervenção psicanalítica, que contava com o uso de uma particular materialidade expressiva – a polpa do papel - e tinha no holding (Winnicott, 1945) a sua inspiração interventiva por excelência.*

*Paralelamente ao cuidado psicológico desse grupo de pacientes, também participei de outras atividades ligadas ao grupo de pesquisa, como o desenvolvimento da 'Oficina de Rabiscos e Outras Brincadeiras', espaço destinado ao cuidado infantil e vinculado a projeto de Iniciação Científica; supervisão de material clínico da Oficina de Arranjos Florais; organização de um grupo de formação para profissionais das áreas de Saúde e Educação interessados no estilo clínico 'Ser e Fazer'; organização dos Cadernos 'Ser e Fazer', publicação que visa apresentar tanto trabalhos dos*

pesquisadores afinados a esse estilo clínico, quanto material de interlocutores; supervisão de material clínico de todas as oficinas em andamento<sup>1</sup>.

Muito foi vivenciado e aprendido ao longo de 11 anos de estreito envolvimento com a criação de um dispositivo clínico e com a discussão acerca de suas bases teóricas, período coincidente com minha própria formação profissional – mesmo antes de ser psicóloga, já frequentava os grupos de estudo e pesquisa da Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, orientadora desta pesquisa. Posso mesmo afirmar que minha carreira profissional - atuando como pesquisadora, como professora ou durante os períodos em que me dediquei aos atendimentos clínicos – ancora-se no **estilo clínico 'Ser e Fazer'** e reconhece-se inserida neste grupo.

*Pesquisa é outro tema que me é caro.*

*Já no primeiro ano da graduação em Psicologia envolvi-me com investigação que exigiu diversos tipos de ação e trouxe muito aprendizado na compreensão dos fundamentos de pesquisa, deparando-me pela primeira vez com situações instigantes: a escolha do público a ser estudado, a preparação das perguntas do questionário utilizado, o local de coleta de dados, a interação com os participantes, apresentando-lhes os objetivos do estudo e realizando as entrevistas, a organização dos resultados que obtivemos, entre outras novidades.*

*Sendo assim, ao discorrer sobre dois temas muito estimados, inter-relacionando-os na composição desta pesquisa, encontro-me em um momento de reflexão crítica, momento de árduo trabalho, pessoal e científico.*

*Delimitar um campo de pesquisa como o que ora ambiciono traz-me a um espaço privilegiado e ao mesmo tempo perigoso, uma vez que investigar os temas que tanto estão em mim incorporados requer constante atenção para que as paixões não acabem comprometendo o*

---

<sup>1</sup> Maior detalhamento das atividades, datas de início e término, bem como menção a Laboratórios/Instituições/grupos vinculados aos trabalhos, encontram-se no currículo da pesquisadora na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9020345676026440>.

*intento. Todavia, sendo essa proximidade inegável, certamente permeará todas as páginas que se seguirão.*

*Ao longo dessa jornada, sempre me fascinou o encontro entre psicanálise e pesquisa. Em meio aos acalorados debates na Universidade, onde a psicanálise frequentemente tinha seus fundamentos censurados e “modernas” modalidades de intervenção eram apresentadas, silenciosamente questionava-me sobre meu entusiasmo com a obra freudiana, naqueles tempos por mim compreendida como sinônimo da metapsicologia. Por certo poderia concordar com algumas críticas, mas minha experiência pessoal – iniciei minha primeira análise antes mesmo do ingresso na graduação em Psicologia – conferia vigor irrefutável à disciplina, que cada vez mais atraía minha atenção.*

*Entretanto, por algum tempo, senti-me dividida: realizava pesquisas em Iniciação Científica<sup>2</sup> em área um tanto distante do meu interesse, às voltas com muito aprendizado organizado em tabelas, construção de gráficos, fórmulas estatísticas, mensurações positivistas. Encontrava-me com a psicanálise apenas nos seminários organizados pelas Sociedades de Formação. Este panorama estendeu-se até minha entrada como participante do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Social, onde pude, pela primeira vez, entrar em contato com pesquisas em psicanálise.*

*Em 1992, a Prof<sup>a</sup>. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg criou o Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Social, no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foi nesse espaço institucional que, poucos anos mais tarde, nasceu o estilo clínico ‘Ser e Fazer’. A criação dessa instância institucional permitiu a concretização da vocação da Universidade pública, integrando produção do conhecimento, formação profissional e prestação de serviços à comunidade.*

*Inicialmente colaborando nas investigações sobre Representação Social da Doença Mental, realizei entrevistas usando o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, um procedimento apresentativo-*

---

<sup>2</sup> Bolsista da FAPESP, processo 93/2984-2 (1993-1994), título da pesquisa: “Valor sinalizador do sorriso e da inclinação de cabeça”, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Livre Docente Emma Otta.

*expressivo desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999a). Para minha satisfação, encontrava-me com outras metodologias, objetivos e compreensão dos fenômenos encontrados no campo.*

*Frequentando as reuniões do grupo de pesquisa, pude acompanhar a apresentação das primeiras diretrizes do que hoje é conhecido como **estilo clínico 'Ser e Fazer'**. Lembro-me do processo de escolha do nome, das várias sugestões trazidas por todos, entusiasmados com a empreitada. Não há como esquecer o momento em que houve menção a um trecho do livro "O Brincar e a Realidade", onde Winnicott diz: "Hoje, desejo dizer: 'Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo.'" (Winnicott, 1971, p. 120). Não havia mais dúvidas e todos prontamente ficamos com uma sensação de calma: havíamos encontrado/criado a **'Ser e Fazer'** !*

*No final do ano de 1997, juntamente com a inauguração do serviço de atendimento das Oficinas Psicoterapêuticas de Criação, começava a Oficina Arte de Papel, um dispositivo clínico diferenciado, inspirado na psicanálise winnicottiana e nos fundamentos epistemológicos blegerianos. Tal enquadre transicional, configurado a partir da concepção de materialidade-rabisco, objetivava a criação de mundos transicionais – nesse caso, um mundo papeleiro.*

*Em 2002, o Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social passou a albergar outro grande projeto: o APOIAR (Atendimento Psicológico Clínico Individual e Grupal), serviço de atendimento psicológico coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Livre Docente Leila Salomão De La Plata Cury Tardivo (Tardivo, 2004, 2010). Com entusiasmo e curiosidade, acompanhei a constituição do serviço; lembro-me da apresentação do nome, da alegria que tomou conta de todos ao reconhecermos as "referências" winnicottianas, o sustentar/apoiar.*

*Desde então, a **'Ser e Fazer'** conta com a proximidade da Prof<sup>a</sup>. Leila, presença empreendedora e carinhosa que hoje, após a mudança de vinculação institucional da Prof<sup>a</sup>. Tânia (aposentada senior), ao assumir a coordenação do Laboratório, permite a continuidade institucional das Oficinas Psicoterapêuticas **'Ser e Fazer'**, a continuação da "sala 211" com seus tanques de cimento e da grande mesa, sustentadora de muitas 'acontecências' brincantes.*

*Parcerias entre os serviços acontecem sob a forma de publicações conjuntas (Gil, Turna, Aiello-Vaisberg & Tardivo, 2008; Machado, Aiello-Vaisberg, Gil & Tardivo, 2003; Vaisberg, Aiello-Vaisberg, Tardivo & Machado, 2003; Oliveira, Aiello-Vaisberg & Tardivo, 2003; Tawi, Aiello-Vaisberg & Tardivo, 2003; Lopes, Tardivo, Aiello-Vaisberg & Conti, 2002; Tardivo, Aiello-Vaisberg & Lopes, 2002; Aiello-Vaisberg, Tardivo & Fonseca, 2002; Tardivo & Aiello-Vaisberg, 2001), da organização de eventos científicos, da fundamental participação dos alunos de pós-graduação, uma série de projetos que focalizam a prevenção e o cuidado psicológico ao sofrimento humano, em situações diversas.*

*Psicanálise e pesquisa, enfim, andam juntas.*



Arte de Papel, 'Seu e Fegos'. Materiais usados na Oficina.  
(imagens Fabiana Follador e Ambrosio)

*Agora, outro tipo de investigação vem à tona: o uso da psicanálise na composição de desenhos de pesquisa, como estratégia metodológica alinhada ao paradigma epistemológico pós-moderno. Pesquisas que não mais tratam de sujeitos e observadores neutros, mas sim de encontros inter-humanos, narrativas que o pesquisador escreve em primeira pessoa, sobre sua experiência quando se encontra com outras pessoas, com coletivos, com filmes, com pinturas, com poesias...*

# Sumário

<b>i</b>	<b>Resumo</b>
<b>ii</b>	<b>Abstract</b>
<b>iii</b>	<b>Resumen</b>
<b>iv</b>	<b>Prólogo</b>
v	Um lugar na ' <b>Ser e Fazer</b> '
<b>17</b>	<b>Haverá um preço por desconsiderar a pesquisa com o método psicanalítico?</b>
18	A psicanálise é uma psicoterapia
22	'Encontros brincantes' entre psicanálise e ciência
35	Avaliação da eficácia clínica de psicoterapias
42	O método psicanalítico
<b>45</b>	<b>Um estudo metodológico</b>
51	O <i>Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas</i>
55	Os campos de sentido afetivo-emocional
<b>59</b>	<b>Encontros com a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças</b>
63	Conhecendo a fundamentação teórico-clínica da Oficina: o <b>estilo clínico 'Ser e Fazer'</b>
70	<b>Os Procedimentos Apresentativo-Expressivos</b>
73	<b>A sustentação emocional</b>
76	<b>As materialidades mediadoras</b>
80	Os mundos habitados na Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças
<b>97</b>	<b>Considerações Finais</b>
<b>100</b>	<b>Referências</b>



Haverá um preço por  
desconsiderar a pesquisa  
com o método psicanalítico?

## A psicanálise é uma psicoterapia

A existência de um sistema de tratamento de qualquer problemática só se justifica frente à averiguação da presença de benefícios decorrentes de sua aplicação. Caso contrário, parece não fazer sentido a criação, o aprimoramento, nem tampouco a execução de um conjunto de técnicas ou procedimentos pertencentes a um esquema interventivo.

Essa afirmação parece muito bem estabelecida quando nos referimos a diversos campos do conhecimento, em especial à saúde humana. Não é estranho imaginar que a administração de um medicamento caminhe simultaneamente à informação acerca dos benefícios que possa causar. Mesmo terapias experimentais assentam-se na expectativa de cura ou de remissão sintomática.

Parece razoavelmente lógico que uma pessoa dispenda sua energia, seu tempo, dinheiro e interesse em algo – procedimento, projeto ou propósito - que lhe seja salutar.

Psicoterapias não estão fora desse pensamento. E não poderiam. Uma vez que consideramos a psicanálise como uma psicoterapia específica, com seu conjunto de pressupostos e diretrizes, os efeitos clínicos decorrentes dessa prática precisam ser apresentados. O tratamento psicanalítico não pode ser excluído dessa discussão, sob pena até mesmo de perder sua vocação primeira – o cuidado ao sofrimento humano – e ser associado a outros fazeres humanos, tais como a poesia e a literatura.

Caminhamos, portanto, assentadas em duas afirmativas:

- 1) a necessidade de investigação dos benefícios clínicos das psicoterapias e
- 2) a inserção da psicanálise no rol das psicoterapias.

Tais pressupostos conduzem-nos, naturalmente, a uma determinada apreensão acerca do cuidado emocional, aqui compreendido como fundamentado na facilitação do acontecer humano, em toda sua inteireza possível, bem como da assunção da existência do método psicanalítico, distinto das diretrizes teóricas e técnicas da metapsicologia, sendo logicamente anterior a estas e dotado de espessura ontológica (Herrmann, 1988; 2002), ocupando, portanto, um estatuto singular.

Declaramos ainda<sup>3</sup> que, sem contar com uma investigação científica coerente e rigorosa, não se pode assumir a existência de eficácia clínica decorrente do tratamento psicanalítico. Distanciamos-nos, dessa forma, daqueles autores que concebem a teoria e a técnica psicanalíticas como objetos irrepreensíveis, cuja eficácia está intrinsecamente garantida.

Encontramos exemplo desse posicionamento em Herrmann (1979). O autor, ao apresentar o modo como se relaciona com a psicanálise, expressa sua crença na eficácia do tratamento psicanalítico como uma garantia inerente à prática, em diversos momentos. Destacamos:

Nossa prática tem alcançado sua meta clínica com sucesso bastante para assegurar-lhe posição dominante na cultura contemporânea (p.14).

Nesse caminho [o de mostrar o descentramento interno do sujeito, curando-o de sua fragmentação], nosso método tem-se mostrado eficaz. (p. 15).

Pois o fato é que, embora bem sucedida quanto aos fins, a Psicanálise, hoje, parece não dispor de uma ideia clara sobre como os persegue [o esquecimento e a fragmentação]. (p.15).

---

<sup>3</sup> Partindo da preocupação em localizar os benefícios clínicos das psicoterapias, pretendemos estar diante do acontecer clínico sem preferências teóricas, esforçando-nos por acolhê-lo sem julgamentos prévios. Evidentemente, uma vez que concebermos o conhecimento científico alinhado aos princípios pós-modernos (Santos, 1987) e, portanto, distante da ideia de neutralidade do pesquisador, assumimos que as características pessoais da pesquisadora comporão a investigação que ora se apresenta.

A clínica alcança seus objetivos, todavia não sabemos exatamente como, no sentido metodológico mais forte. (p. 16).

(...) quando dizemos que o todo funciona, e nesse funcionamento fazemos repousar nossa segurança na Psicanálise, estamos obrigados a responder a uma nova questão: em que consiste o efeito psicanalítico? (p. 21).

Herrmann, psicanalista brasileiro, foi e é personagem fundamental na inserção do conhecimento psicanalítico no universo acadêmico. Interlocutor de inegável importância, encontra-se presente no desenvolvimento dos fundamentos do **estilo clínico 'Ser e Fazer'**, estando, portanto, situado teórica e afetivamente em lugar diferenciado. Propõe, entre muitas contribuições, que nos remetamos à apresentação feita pelo próprio Freud (1923)<sup>4</sup>, onde discrimina três diferentes significados para o termo psicanálise: método, teoria e técnica terapêutica, destacando a primazia do método frente aos outros elementos. A premissa da existência de eficácia clínica na terapêutica psicanalítica permite ao autor entrelaçar sua compreensão teórica à prática clínica, culminando na criação da conhecida Teoria dos Campos<sup>5</sup>.

Esse otimismo demonstrado por Herrmann frente às possibilidades da psicanálise parece desconcertantemente ingênuo, fazendo-nos necessitar de uma boa dose de fé em sua experiência para conseguirmos acompanhá-lo.

Outros autores também suprimem o questionamento sobre os efeitos clínicos da psicanálise, mas se valem de alegação diferente, compreendendo que a disciplina, dada sua natureza, não pode ser

---

<sup>4</sup> Relembrada, décadas depois, por Laplanche e Pontalis (1967).

<sup>5</sup> A Teoria dos Campos, desenvolvida pelo psicanalista Fabio Herrmann (1944-2006), surgiu de uma investigação do método da Psicanálise, procurando incentivar sua evolução rumo a uma ciência geral da psique. Com a finalidade de recuperar o processo de descoberta original de Freud, a pesquisa epistemológica realizada aponta para um sistema de pensamento aplicado à clínica, desenvolvendo a interpretação psicanalítica, pesquisando o psiquismo e propondo novas aplicações terapêuticas do método psicanalítico.

avaliada. Desse ponto de vista, a experiência terapêutica não é passível de ser abordada cientificamente.

Diferentemente, consideramos a necessidade de uma reflexão anterior, a saber, a investigação dos alcances e dos limites da prática psicanalítica. Nosso ponto de partida é outro e fundamenta-se na exigência de esclarecimento e transparência àqueles que destinam recursos, humanos e/ou financeiros, à realização desta modalidade de psicoterapia.

No presente estudo concentramos nossos esforços na evidenciação da possibilidade do uso da psicanálise em sua vertente metodológica, apontando para a viabilização do uso do conhecimento psicanalítico compondo estratégia investigativa nas ciências humanas. Para tanto, não se faz necessária a adesão do pesquisador a um corpo teórico determinado; ao contrário, sugere-se que este se mantenha o mais livre possível de suas crenças e pressupostos para que possa ser impactado pelo acontecer inter-humano foco de sua atenção.

Ao concebermos que a construção do conhecimento acontece a partir da interlocução entre os pares, ou seja, coletivamente, a publicação de estudos que discorrem sobre eficácia clínica muito pode auxiliar na compreensão acerca das psicoterapias psicanalíticas, de certa forma desmistificando-as e ampliando suas possibilidades de aplicação.

Em sua dimensão ética, a obrigatoriedade de tais investigações relaciona-se à possibilidade de conhecimento dos fundamentos e dos efeitos das práticas em questão, apresentando, da forma mais transparente possível, os objetivos pretendidos e as estratégias metodológicas a partir das intervenções realizadas, contribuindo para a promoção da saúde pública, uma vez que os tratamentos são sempre financiados, seja pelo próprio paciente, seja por órgãos públicos, seguradoras ou mesmo agências de fomento à pesquisa.

## 'Encontros brincantes' entre psicanálise e ciência

As ciências da natureza que se ocupam do homem não esgotam tudo que se pode aprender a respeito deste.

O termo 'vida' designa um fato 'biológico', ao mesmo tempo que a vida propriamente humana, *a vida dramática do homem*. Essa vida dramática apresenta todas as características que tornam uma área suscetível de ser estudada cientificamente.

Mesmo que não existisse psicologia, é em nome dessa possibilidade que ela deveria ser inventada.

(Poltzer, 1928, p. 43).

Sabemos que atribuir uma definição à ciência é tarefa árdua e mesmo controversa. Credita-se ao conhecimento científico uma localização especial, fundamentada na crença em seu potencial de aproximação da "verdade" sobre os fenômenos humanos e naturais.

O saber científico alcança notada distinção do conhecimento vulgar a partir do século XVII, com o desenvolvimento de um modelo de racionalidade pautado nos estudos das ciências naturais, composto de princípios epistemológicos e regras metodológicas específicas, paradigma dominante até os dias de hoje. Graças à potencialidade investigativa e ao contexto cultural que permitiu seu desenvolvimento, o modelo científico moderno e seus princípios passaram a ser compreendidos como o único modo de apreensão das leis da natureza e, em decorrência, do conhecimento de todas as coisas.

Em 1985, defendendo uma posição epistemológica anti positivista, Santos (1987) aponta para o final da hegemonia do paradigma moderno, auxiliando-nos a compreender as características dessa nova ordem científica emergente, que rejeita concepções epistêmicas positivistas, tais como a polarização causa/efeito, a crença na neutralidade do

pesquisador frente ao objeto estudado e a relação entre rigor científico e replicabilidade.

Longe de inserir-se em debate sobre conceitualização da ciência, o presente estudo visa contribuir para a pesquisa científica, propondo e questionando a utilização do método psicanalítico na investigação da eficácia clínica de psicoterapias psicanalíticas. Tal estratégia alinha-se aos fundamentos epistemológicos pós-modernos, partindo da perspectiva que concebe a produção de conhecimento como processo dialético, compreendendo que os fenômenos devem ser abordados contextualizadamente e assumindo a figura do pesquisador como elemento inerente ao campo investigativo.

Ao longo da história, podemos encontrar modos diferentes e controversos de compreender a relação entre produção científica universitária e conhecimento psicanalítico. A posição de Freud (1919) a este respeito é bastante curiosa e compreensível, dadas as circunstâncias históricas, pois a seu ver o desenvolvimento e a manutenção da psicanálise poderiam prescindir totalmente da inserção universitária. Nas palavras do autor:

A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode conseguí-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos. O fato de que uma organização dessa natureza existe, deve-se, na verdade, à exclusão da psicanálise das universidades. E é, portanto, evidente que esses sistemas de organização continuarão a desempenhar uma função efetiva enquanto persistir tal exclusão. No que concerne às

universidades, a questão depende de decidirem se desejam atribuir qualquer valor à psicanálise, na formação de médicos e de cientistas. Em caso afirmativo, o problema seria então saber como incorporá-la à estrutura educacional regular. (Freud, 1919, p. 187).

Confinado aos consultórios privados, a única forma concebível de emprego do conhecimento psicanalítico estaria circunscrita ao atendimento de pacientes seguindo os moldes do dispositivo padrão. Dessa prática decorreria uma ampliação dos conhecimentos psicopatológicos, bem como versaria sobre os alcances e prováveis alterações na "técnica" psicanalítica. Certamente que não se deve menosprezar a aquisição destes conhecimentos, contudo parece muito aquém daquilo que o próprio Freud (1900) e autores como Politzer (1928), para citar apenas dois expoentes, vislumbravam como possibilidades de um novo campo de saber sobre o humano. Entre nós, Herrmann (1979) posicionou-se de forma clara, lamentando que a grandeza do conhecimento psicanalítico sobre o homem permanecesse limitada à pesquisa "intramuros".

Por outro lado, notamos que a inclusão da psicanálise na universidade acabou por se realizar em diversos países ocidentais, sendo hoje uma realidade. Encontramos, na própria sessão de abertura dos "Estados Gerais da Psicanálise", evento *sui generis* realizado na França no ano 2000, do qual participaram profissionais autodenominados psicanalistas, independentemente de suas afiliações societárias, que a universidade acabou sendo citada como instituição que muito colabora para o desenvolvimento psicanalítico. Roudinesco (2000) faz expressa menção aos departamentos de psicologia brasileiros:

Ainda que as instituições psicanalíticas não estejam em perigo, o ensino da psicanálise encontra-se ameaçado nas universidades, de modo diferente segundo os diferentes países. Na Europa, este ensino sofre um retrocesso; nos Estados Unidos, limita-se aos departamentos de humanidades (literatura, filosofia, sociologia e história); na América Latina, ao contrário, e, sobretudo no Brasil, está



fortemente implantado em todos os lugares de formação dos psicólogos clínicos, ou seja, nos departamentos de psicologia, o que explica a vitalidade do movimento psicanalítico latino americano. (Roudinesco, 2000, p. 37).

Entretanto, a menção pública do importante papel da universidade para o desenvolvimento psicanalítico não significa que se tenha estabelecido um tranquilo relacionamento entre ambos; ao contrário, uma vez que atualmente são experimentadas várias combinações nos desenhos de pesquisa, notamos a existência de problemáticas que vão desde a desconsideração frente ao rigor científico, podendo culminar no empobrecimento dos fundamentos psicanalíticos. Evidentemente que o movimento investigativo gera benefícios, mas faz-se necessário exame crítico das proposições, uma vez que algumas consistem em articulações incoerentes, mas especialmente porque algumas podem revelar-se não meramente inócuas, mas eventualmente danosas.

Sabemos que o desenvolvimento do método psicanalítico, desde os seus primórdios, partiu do encontro entre o pesquisador e o fenômeno com que se deparava. Tendo, portanto, como base o encontro inter-humano, compreendemos que a opção especulativa da metapsicologia apresentou-se a Freud como a possibilidade de inserção da disciplina em contexto científico e como modo de interlocução com seus contemporâneos, considerando o momento histórico, o horizonte cultural em que se inseria, bem como sua formação profissional.

Uma vez que a concepção epistemológica do psicanalista relaciona-se diretamente ao paradigma psicanalítico adotado, torna-se importante o esclarecimento acerca de sua adesão, seja mantendo-se fiel a um posicionamento clássico, metapsicológico e pulsional, seja alinhado ao chamado paradigma relacional (Greenberg & Mitchell, 1994). Entretanto, é importante assinalar que, independente dos distintos modos de compreensão das contribuições psicanalíticas, seja relacionando-as à formulação de paradigmas distintos (Greenberg & Mitchell, 1994), à conceituação de Psicologia Concreta e dramática (Politzer, 1928), à distinção entre método, teorias e intervenções (Herrmann, 1979), a essência, o ponto de partida para todas as

reflexões, sempre foi e continua a ser a clínica psicanalítica (Freud, 1900).

Aqueles psicanalistas que entendem a metapsicologia como sendo a única verdadeira contribuição freudiana, consideram que tanto a pesquisa como a prática clínica fundamentam-se na busca pelo inconsciente recalcado, defendendo-o como conceito teórico central na teoria pulsional e como objeto de estudo.

De tal assunção decorrem tanto investigações que operam a partir de metodologia positivista, justificadas por uma compreensão marcadamente fisicalista dos conceitos freudianos, quanto de estudos de natureza especulativa. Afirmando-se como psicanalíticos, encontramos estudos que se organizam a partir de metodologia positivista, valendo-se da psicanálise ora para compor o referencial utilizado no eventual caso clínico apresentado, ora para, com seus conceitos teóricos, incrementar a discussão dos resultados obtidos. Vale a pena ressaltar que muito diferentes são as investigações que partem do conhecimento psicanalítico no delineamento das estratégias metodológicas: configuração do acontecer clínico, modo de registro e interpretação do material.

O panorama aponta para um quadro que acaba por fornecer elementos que podem agir corroborando para a exclusão da psicanálise do campo científico, pareando a atividade do psicanalista às artes, à ourivesaria, à arqueologia, à escrita literária ou omitindo o potencial heurístico intrinsecamente presente no método psicanalítico<sup>6</sup>. Ao aderir a uma visão positivista de pesquisa, o psicanalista necessariamente fica aprisionado a um modelo que, mesmo sendo muito útil ao estudo das ciências naturais, apresenta-se impróprio se extrapolado à compreensão da experiência emocional dos seres humanos. Conceber a psicanálise alinhada às artes ou afins revela um notado desconhecimento dos fundamentos científicos desenvolvidos durante o século passado, mudança que atingiu as ciências humanas e sociais de modo irrevogável (Santos, 1987, 2006).

---

<sup>6</sup> Neste cenário, o afastamento entre psicanálise e ciência não é algo que se possa estranhar...

Compreendendo a psicanálise como método científico de pesquisa, uma entre outras possibilidades de investigação da experiência emocional, encontramos em Silva (1990a) interessante contribuição, que parece alargar os alcances da disciplina, favorecendo a reflexão acerca das possibilidades de investigação em psicanálise:

E quando se investiga a questão da pesquisa em psicanálise o primeiro problema que surge refere-se ao domínio desse campo do saber. Porque logo se apresentou uma forte tendência a se restringir à terapêutica individual, quatro vezes por semana, divã e poltrona atrás. Freud, no entanto, inventou-a maior: também uma teoria e, o que mais nos importa agora, um método de pesquisa. Esse método ele o empregou muito à vontade fora do setting, e mesmo quando estava em jogo não uma pessoa, mas um produto humano. Assim ele analisou quadros, esculturas, livros, mitos, peças teatrais, instituições, etc. Assim ele analisou, inclusive, seus próprios sonhos, lapsos e dados biográficos. Hoje, mais realistas que o rei, tende-se a restringir o campo de pesquisa, nascido com a ambição de abarcar toda a experiência humana, às quatro paredes do consultório. (Silva, 1990a, p. 20).

Importante ressaltar que a autora, ao assinalar o caráter intersubjetivo inerente ao trabalho psicanalítico, parece aproximar-se da compreensão epistemológica blegeriana. Vale a pena lembrar as palavras de Bleger (1964) ao discorrer acerca da entrevista psicológica, afirmando que:

A entrevista psicológica é uma relação, com características particulares, que se estabelece entre duas ou mais pessoas. O específico ou particular dessa relação reside em que um dos integrantes é um técnico da psicologia que deve atuar nesse papel, e o outro – ou os outros – necessitam de sua intervenção técnica. Porém – e isso é um ponto fundamental – o técnico não só utiliza na entrevista seus conhecimentos psicológicos para aplicá-los ao entrevistado,

como também esta aplicação se produz *precisamente*<sup>7</sup> através de seu próprio comportamento no decorrer da entrevista. A entrevista psicológica é então uma relação entre duas ou mais pessoas em que estas intervêm como tais. (Bleger, 1964, p. 12).

Recorremos a duas publicações, notadamente conhecidas por estudantes, profissionais ou por aqueles que, entusiasmados, interessam-se em conhecer ou aprofundar-se nas contribuições freudianas e averiguamos quais as conceituações dadas pelos autores ao verbete “psicanálise”. Curiosamente, encontramos divergências espantosas nas concepções e imaginamos que refletem não apenas o momento histórico em que foram elaboradas, mas que carregam alegações de caráter político, nem sempre explicitamente admitidas, que eventualmente poderiam vir a contribuir para fomentar determinada posição institucional em detrimento de outra.

Laplanche e Pontalis, na década de 1960, assinalam a existência de diferentes significações relacionadas ao termo, organizadas em três distintos níveis – método de investigação, método de tratamento e teorização:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a esse sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise). C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em

---

<sup>7</sup> Grifos nossos.

que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento. (Laplanche & Pontalis, 1967, p.385).

Já Roudinesco e Plon (1998) compreendem o método como um tipo especial de tratamento psicoterapêutico:

Termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para nomear um método particular de psicoterapia (ou tratamento pela fala) proveniente do processo catártico de Josef Breuer e pautado na exploração do inconsciente, com a ajuda da associação livre, por parte do paciente, e da interpretação, por parte do psicanalista. Por extensão, dá-se o nome de psicanálise: **1.** ao tratamento conduzido de acordo com esse método; **2.** à disciplina fundada por Freud (e somente a ela), na medida em que abrange um método terapêutico, uma organização clínica, uma técnica psicanalítica, um sistema de pensamento e uma modalidade de transmissão do saber (análise didática, supervisão) que se apoia na transferência e permite formar praticantes do inconsciente; **3.** ao movimento psicanalítico, isto é, a uma escola de pensamento que engloba todas as correntes do freudismo. (Roudinesco & Plon, 1998, p. 603).

Podemos verificar que Roudinesco e Plon (1998) referem-se ao termo “método” para designar apenas o tratamento proposto por Freud, descartando sua potencialidade heurística. Dentro desse panorama, as pesquisas psicanalíticas estariam circunscritas a contribuições teóricas partindo de reflexões acerca de casos clínicos. Nessa perspectiva, para estudar rigorosamente a psicanálise, seria necessário lançar mão, complementarmente, de estratégias de pesquisa consonantes ou com a hermenêutica ou o com positivismo. Independentemente da opção metodológica, este cenário parece apontar para a crença na impotência da psicanálise para produção de conhecimento, restando a poucos psicanalistas “credenciados” pesquisas fundamentadas nas análises de textos psicanalíticos, uma concepção achatadora da psicanálise, que

acaba por executar um enorme retrocesso, tanto para o campo propriamente psicanalítico, quanto para o científico.

Na perspectiva de Laplanche e Pontalis (1967), por outro lado, encontramos referência à capacidade investigativa da psicanálise, que pode, sem perder rigor científico e coerência, romper as paredes do consultório particular e lançar-se ao estudo de produções culturais, como já praticava Freud.

Esta interessante compreensão permite claramente ampliar os horizontes investigativos e interventivos da psicanálise, uma vez que guarda afinidades e compartilha da visão heurística inerente ao método psicanalítico que outros autores, como Politzer (1928) e o conceito de dramática, Bleger (1963) e seu conceito de conduta, Herrmann (1979) e sua Teoria dos Campos, Aiello-Vaisberg (1999a, 2004a) e o **estilo clínico 'Ser e Fazer'**.

Encontramos nas propostas de Herrmann, psicanalista engajado na delimitação de um campo universitário para a psicanálise, presença vigorosa do espírito inovador do conhecimento psicanalítico. Reivindicando o emprego das ideias freudianas para além de uma única proposta terapêutica ao alcance das elites, bem como a localização legítima para a disciplina na academia, aponta:

De um domínio ilimitado, os psicanalistas apenas exploram os temas já explorados por Freud, e não todos, aliás, esmeram-se em rediscutir pormenores do que já se teorizou, na esperança de que a crise do conjunto das representações deixem a trilha rotineira que se consagrou em nossa disciplina. Mas o método psicanalítico, receptáculo vivo da ideia geradora, não tem contemplanções, como já disse: ele continua a exigir que a Psicanálise futura ocupe a área total que lhe prevê o horizonte de sua vocação. (Herrmann, 1997, p. 26).

Em trabalho que almeja aplicar o método psicanalítico fora da situação terapêutica (Herrmann, 1997), o autor discorre acerca do

momento histórico peculiar em que se encontra a psicanálise, considerando alguns elementos que compõem “sua própria crise interna”: “baixa produção teórica, repetição de modelos e restrição de temas considerados psicanalíticos, divisão em escolas, assim como uma prática clínica explicativa, que projeta nos pacientes as teorias escolásticas”. (1997, p.25).

Como dissemos anteriormente, foi a partir da distinção entre método, teoria e técnica psicanalíticas (Herrmann, 1999), que o autor construiu sua Teoria dos Campos, utilizando-a na composição metodológica dos estudos que orientou na Universidade, contribuindo, assim, de modo significativo para o avanço da psicanálise como ciência humana:

Este ensaio [a proposição sobre o método psicanalítico, distinto das teorias e técnicas e a elas anterior] é, sobretudo simples; sua dificuldade é a do pensamento sem mistura. (...) Representa o esforço de um psicanalista em recuperar a unidade essencial de sua disciplina, apoiado no seguinte fio condutor de toda a reflexão: dos três sentidos atribuídos por Freud ao termo psicanálise, o de *método* é logicamente anterior e primitivo em relação aos outros dois – teoria e terapia -, que, como derivados, por ele se devem pautar, não afirmando ou praticando mais nem menos que aquilo que o método legitima, mas revestindo a forma metodológica pura com carne conceitual, num caso, e clínica, no outro. É que o método de uma disciplina exprime a forma geral de seu saber e eficácia; em nosso caso, muito especialmente, da eficácia clínica. (Herrmann, 1988, p.11).

Entendemos que a proposição de Herrmann, ao conceder ao método psicanalítico estatuto singular e “espessura ontológica” (1988, p.27), constitui fundamental argumento para a ampliação dos alcances da disciplina e permite-nos assumir que determinada intervenção é psicanalítica quando se origina de um *método* científico específico, independente da teoria acatada pelo pesquisador. Como disse o autor, “Nosso método é eficaz e dadivoso. Não se contenta em ser exercido no

contexto da psicanálise de consultório, mas cria atmosfera analítica onde quer que se o empregue.” (Herrmann, 2001, p. 290).

Nesse sentido, a contribuição fundamental da psicanálise ao conhecimento humano seria “a consideração da existência de um avesso estruturante de toda e qualquer manifestação humana, que usualmente denominamos campo ou inconsciente relativo.” (Aiello-Vaisberg, 2001a, p.206).

Partindo dessa conceituação, encontramos panorama valioso que “reposiciona a teoria em relação ao método e, sobretudo, rompe a unidade do inconsciente, reduzindo-o a ser *inconscientes relativos*<sup>8</sup> a cada produção de sentido.” (Herrmann, 1979, p. 321), permitindo-nos compreender o inconsciente não mais em termos substanciais, mas sim, apresentando-o como fenômeno essencialmente inter-humano.

Aiello-Vaisberg e Machado (2008) realizam interessante articulação entre os conceitos de *conduta* (Bleger, 1963) e *inconsciente relativo* (Herrmann, 1979), fundamentando a proposição de uma vasta gama de investigações acerca de imaginários coletivos, compreendidos como um conjunto de produções ideofetivas coletivas, que se constituem como condutas. Nas palavras das autoras:

Parece-nos apropriado e produtivo usar o conceito psicanalítico de conduta, concebida como manifestação de natureza fundamentalmente vincular e coexistencial, segundo as linhas anteriormente adotadas por Lagache (1949), para designar a dimensão fenomênica da qual o campo herrmanniano seria o avesso. Deste modo, pode-se tentar apreender os campos de toda e qualquer manifestação, simbólica, corporal ou de ação sobre mundo, considerada a partir o indivíduo, do grupo ou da instituição social, tendo em vista favorecer transformações clínicas. (Aiello-Vaisberg & Machado 2008).

---

<sup>8</sup> Grifos do autor.



Importante destacar que a produção científica decorrente da investigação de imaginários coletivos<sup>9</sup> fundamenta-se nas concepções epistemológica e metodológica blegerianas (Bleger, 1963), pautando-se, portanto, na apreensão das condutas em diversificadas situações. Sabemos que o psicanalista argentino, empreendendo uma leitura dialética da psicanálise, acaba por enunciar, a partir de sua elaboração do conceito de dramática (Politzer, 1928), a *conduta* como fenômeno humano central, passível de ser abordado por diversos recortes metodológicos.

Cabe comentar que Politzer (1928), declarando a existência de um duplo discurso na *Traumdeutung* freudiana, ressalta a potencialidade criativa inerente no método desenvolvido por Freud, conhecimento propiciador de mudanças no campo das humanidades. Interessante perceber que, mesmo tendo sido lido por autores de expressão, Politzer e sua *Crítica* parecem ter sido gentilmente esquecidos, desvalorizados ou ignorados. Ao que tudo indica, o filósofo húngaro angariou inimizades ao sublinhar a presença de dois modelos epistemológicos dentro do mesmo sistema teórico, de certa forma uma incoerência que acabou por constituir a história da psicanálise. Mais interessante é imaginar que talvez ele, o duro crítico, possa contribuir para uma realização psicanalítica total e, assim, mantê-la, com todo seu vigor, no novo milênio.

Uma vez que apresenta notável contribuição ao campo psicanalítico, vale a pena recorrer ao texto original:

Ao examinar, nos primeiros capítulos da *Traumdeutung*, a maneira como a psicanálise aborda os fatos e o espírito no qual concebe seu estudo, descobrimos, entre a atitude de Freud e a dos psicólogos clássicos, um antagonismo radical, que opõe, uma à outra, duas formas irredutíveis da psicologia, a concreta e a abstrata. Pois a maneira como é encarado o problema do sonho implica uma definição do

---

<sup>9</sup> Iniciadas na década de 1980, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, as investigações podem ser conhecidas a partir do currículo da professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, na Plataforma *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/4670585523085617>.

fato psicológico que desloca o interesse das entidades espirituais para a vida dramática do indivíduo, e o método, tal como concebido por Freud, desvia-se da investigação da realidade interior para ocupar-se apenas com a análise do 'drama'. (...) Ora, as especulações psicanalíticas decepcionam a essa expectativa [encontrar em Freud explicações adaptadas à psicologia concreta]. De fato, tudo ocorre como se Freud quisesse, por suas explicações, refazer em sentido inverso o caminho que a inspiração concreta da psicanálise o fez percorrer e quer, de alguma forma, fazer-se perdoar pelas descobertas concretas, dando uma explicação que agrade à psicologia clássica. O antagonismo fundamental entre as duas formas da psicologia encontra-se, então, no seio da própria psicanálise, que parece dilacerada entre a psicologia antiga e a psicologia nova. (Politzer, 1928, p. 103).

Voltando nossa atenção às contribuições politzerianas, compreendemos que a relação entre psicanálise e ciência deverá fundamentar-se partindo do estudo da dramática, ou seja, do acontecer em seu contexto, incluindo-se, portanto, o psicanalista como parte inerente do fenômeno. Consideramos que Bleger (1963), ao apresentar seu conceito de *conduta*, realiza um verdadeiro retorno ao concreto, abandonando abstrações oriundas da metapsicologia como objeto de estudo (inconsciente, psique, mente). Sendo assim, alinhadas às proposições dos autores, passamos a conceber a conduta como objeto de estudo da psicanálise.

Nesse sentido, acreditamos que Politzer (1928), ao defender a transformação da ciência, que passaria a ser construída em primeira pessoa, traz importante fundamentação que permite à psicanálise figurar como conhecimento científico e não esotérico.

## Avaliação da eficácia clínica de psicoterapias

Depoimentos, questionários, avaliações sintomáticas são algumas estratégias usadas quando se pretende avaliar os efeitos<sup>10</sup> de intervenções psicológicas. Como veremos posteriormente, muito vem sendo desenvolvido na tentativa de esclarecer quais são os objetivos clínicos das psicoterapias, quais os procedimentos mais favoráveis, quais os alcances das intervenções. Esses questionamentos servem como marcadores que norteiam a criação de dispositivos clínicos mais adequados, que sugerem alterações nas técnicas empregadas e também como parâmetros para o financiamento de projetos.

Sabemos que as intervenções psicológicas podem apresentar efeitos positivos, contribuindo para a melhoria da saúde emocional das pessoas, mas também podem ser inócuas ou francamente prejudiciais. Desse modo, acreditamos que estudos voltados à identificação dos efeitos clínicos de psicoterapias assentam-se sob um imperativo ético, sendo de responsabilidade do pesquisador o favorecimento da interlocução entre os pares e com a sociedade. Exige-se máxima transparência na apresentação das estratégias e dos resultados, concretizando o rigor científico e coerência epistemológica.

A pesquisa ora desenvolvida nasce da mescla entre insatisfação e preocupação. Veremos a seguir que o panorama científico atual, quando relacionado ao tema em questão, compõe-se, primordialmente, de estudos delineados com metodologia alheia à proposição freudiana. Acreditamos que esse cenário, onde a psicanálise aparece mais como uma bela e rara gravura do que como um personagem principal do

---

<sup>10</sup> Cabe explicitar que o uso do vocábulo “efeitos” deu-se deliberadamente, no intuito de indicar que compartilhamos de visão teórica que se refere à saúde emocional como um estado fundamentado na experiência de realidade e da gestualidade espontânea. Nesse panorama, a ausência de doenças ou a remissão sintomática não são considerados elementos determinantes da saúde ou do bem-estar emocional. Uma vez que entendemos que as palavras carregam, expressa ou subliminarmente, posicionamentos éticos, políticos, filosóficos, evitaremos o uso de termos dissonantes com nossas concepções.

enredo, pode contribuir tanto para seu esmaecimento, quanto para o desperdício heurístico de uma metodologia preciosa.

Partiremos agora para uma apresentação acerca das possibilidades investigativas que encontramos nos estudos atuais, pois acreditamos que este tipo de exame contribui para o desenvolvimento de intervenções, aperfeiçoando-as ou adequando-as, se assim for necessário. Por compreendermos que as psicoterapias fazem parte de uma ampla gama de procedimentos que visam beneficiar as condições de vida das pessoas, como são os procedimentos médicos, tecnológicos, pedagógicos, etc., o estudo de sua eficácia aparece como tema importante a ser investigado.

Concomitantemente, há outra exigência relacionada à avaliação dos benefícios das psicoterapias psicanalíticas: sendo prática empregada no cuidado ao sofrimento emocional, a investigação de seus efeitos é eticamente indispensável quando adotamos valores pós-coloniais de respeito ao outro – afinal, não podemos esquecer que as pessoas investem sua energia, seu tempo e sua esperança quando se dispõem a procurar por tratamento psicoterapêutico.

Encontramos na literatura científica estudos que se propõem avaliar ou mensurar os efeitos das psicoterapias. Neste cenário, atendendo-nos a produções latino-americanas<sup>11</sup>, destacamos a apresentação de metodologia utilizada em estudos de avaliação de psicoterapias que se valem do uso de escalas consagradas e da reflexão acerca da análise de caso único (Yoshida, 1998), a exploração de metodologia para determinação do processo de mudança clinicamente significativa, em contexto de psicoterapias breves (Yoshida, 2008), a investigação de conceitos norteadores para o estudo de mudança e de proposição de

---

<sup>11</sup> Mesmo optando por focalizar as investigações latino-americanas, não podemos deixar de ressaltar o grande número de estudos realizados sobre eficácia em psicoterapias na década de 1950 (Goldfried & Wolfe, 1996; Wallerstein, 1989), as conquistas metodológicas a partir das pesquisas norte americanas dos anos de 1970, as investigações sobre técnicas psicoterapêuticas frente a problemáticas emocionais delimitadas (Goldfried & Wolfe, 1996), bem como toda uma gama de reflexões a partir dos resultados apresentados (Luborsky, Singer & Luborsky, 1975; Serralta, Nunes & Eizirik, 2007). Sugerimos ao leitor o estudo de publicações consagradas nesse campo de investigação, a fim de conhecer tanto o panorama histórico quanto o percurso teórico-metodológico que foi percorrido pelos pesquisadores.

intervenções, também em se tratando de psicoterapias breves (Yoshida, 1999), avaliação da efetividade de psicoterapia psicanalítica com adultos (Jung et al., 2007).

Notamos a presença de investigações cujos objetivos giram em torno da verificação da eficácia da prática psicoterapêutica com diferentes populações, do aprimoramento das técnicas utilizadas nas intervenções (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2005), da investigação do tipo de psicoterapia mais adequado ao tratamento, dadas as condições psicopatológicas dos pacientes em questão (Peuker et al., 2009) ou mesmo apresentam revisão bibliográfica sobre o assunto (Jung et al., 2006; Sales, 2009; Enéas, 2007, 2008). É interessante notar que a quase totalidade dos estudos são configurados a partir de metodologias semelhantes, consagradas nas ciências naturais, atendo-se a ensaios randomizados, uso de escalas, controle de variáveis e mensurações realizadas antes e depois das intervenções clínicas.

Quando nos deparamos com as discussões acerca da viabilidade terapêutica da psicanálise percebemos modos interessantes de responder à questão. De um lado, psicanalistas apresentam sua prática aproximando-a de uma nosografia filosófica, como se, baseada em aspectos subjetivos e em teoria notadamente fundamentada, não precisasse de “defesa”: a justificativa de seu uso estaria fundamentada nas décadas de estudos teóricos e clínicos, iniciados talvez antes mesmo de Freud, mas certamente apresentados à cultura pelo autor. Defender a eficácia da psicanálise dessa forma conduz a um reducionismo, a um tipo de “fechamento” institucional, concedendo a poucos a tarefa inebriante de colocar em xeque seus fundamentos. Nessa perspectiva, as investigações visam confirmar conceitos consagrados ou, no melhor dos casos, contribuem propondo alterações ao corpo teórico (Mezan, 1990).

Outra justificativa para o precário questionamento acerca da eficácia do uso de intervenções psicanalíticas aparece fundamentada em discussões acerca dos parâmetros a serem utilizados, tanto no que concerne à coerência epistemológica na criação das investigações, como quais seriam os elementos válidos para mensurar a potencialidade – e efetividade – das práticas.

Voltando às publicações científicas, deparamo-nos com um grande conjunto de investigações que se propõem avaliar características de personalidade, mensurar aspectos psicológicos por meio de aplicação de escalas diagnósticas ou testes projetivos (Simon, 1990, 2000, 2005; Yamamoto & Simon, 2006, Yazigi, 2010).

Encontramos também pesquisas focadas na investigação da eficácia das psicoterapias psicanalíticas que parecem organizadas partindo de uma essencial divergência entre a concepção epistemológica que determina a metodologia utilizada e os fundamentos teóricos subjacentes que compõem os procedimentos clínicos utilizados (Silva, Yazigi & Fiore, 2008; Jung et al., 2006; Laverde-Rubio, 2007, 2008; Hauck et al., 2008; Palma, Jardim & Oliveira, 2011).

Tal desencontro merece atenção, uma vez que, ao articularem o positivismo e as hipóteses “oriundas” dos atendimentos ou dos resultados de pesquisa, acabam por assinalarem a desconsideração do método psicanalítico como produtor de conhecimento.

No entanto, sabemos que a adoção do positivismo pode ser empregada como um expediente epistemológico que rende consequências evidentes em alguns campos do conhecimento. O próprio Bleger (1964), compreensivamente, admite certa validade no uso de artifícios como forma de aproximação ao acontecer:

La vida y la vocación de psicólogo, de médico y de psiquiatra merecerían de por sí un estudio detallado, que no emprenderé ahora, pero quiero que recordemos que son los técnicos encargados profesionalmente de estar todos los días en contacto estrecho y directo con el submundo de la enfermedad, los conflictos, la destrucción y la muerte. Hubo que recurrir a cierta ficción y disociación para el desarrollo y ejercicio de la psicología y la medicina: ocuparse de seres humanos como si no lo fuesen.<sup>12</sup> (Bleger, 1964, p.27).

---

<sup>12</sup> “A vida e a vocação de psicólogo, de médico e de psiquiatra mereceriam um estudo detalhado que não emprenderei agora; quero, porém, lembrar que são os técnicos encarregados profissionalmente de estar todos os dias em contato estreito e direto com o submundo da doença, dos conflitos, da destruição e da

Discordamos da extrapolação desencadeadora de enganos epistemológicos, de incoerência entre o fenômeno a ser estudado e a estratégia de investigação utilizada. Uma vez que adotar o paradigma positivista requer a adoção de posicionamento objetivante, não nos parece apropriado seu uso em pesquisas que se assumem psicanalíticas, na medida em que, ao estudarem as condutas humanas (Bleger, 1963), encontram-se frente a fenômenos pertencentes ao registro dramático. A divergência entre os registros, além de incidir em erro epistemológico, aniquila o próprio fenômeno que nos interessa conhecer.

Entendemos que uma investigação é cientificamente rigorosa quando se encontram alinhadas as concepções epistemológica e antropológica, a metodologia utilizada na composição do estudo e as intervenções clínicas empregadas. Dessa forma, há necessidade de encontrar ou desenvolver procedimentos avaliativos efetivos e coerentes com tais pressupostos.

Com a leitura de Bleger (1963)<sup>13</sup>, percebemos que toda e qualquer teoria que se refira aos fenômenos humanos traz consigo concepções antropológicas e psicopatológicas, apresentadas de forma implícita ou diretamente. É exatamente a partir do reconhecimento da potencialidade heurística do método psicanalítico que se pode conceber uma vasta gama de ações e, no nosso caso, a possibilidade de criação de modos coerentes de avaliação da eficácia clínica.

Concordamos com Plastino (2006) quando assinala que a psicanálise não se constitui como um “saber sobre um objeto ‘novo’, mas sim como uma ‘nova’ forma de saber” (p. 437), mais coerente com o paradigma emergente (Santos, 1987, 2006). Alinhamo-nos também com

---

morte. Foi necessário recorrer à simulação e à dissociação para o desenvolvimento e exercício da psicologia e da medicina: ocupar-se de seres humanos como se não o fossem.”

<sup>13</sup> “Si la psicología estudia al hombre, siempre se halla implícita en ella una determinada concepción del mismo. Inclusive dentro de la psicología que se define como el estudio de la mente o el alma, se halla incluida una concepción del hombre que éste tiene de sí mismo en un determinado momento histórico; porque estos supuestos no son meras especulaciones que surgen por sí mismas de una actitud totalmente contemplativa, sino que se hallan siempre vinculados a las características culturales, sociales, de cada época.” (Bleger, 1963, p. 16).

a apresentação de Greenberg e Mitchell (1994) acerca do questionamento epistemológico que vem sendo alvo de discussão na atualidade:

A caracterização da psicanálise como uma disciplina interpretativa desafia a sua credibilidade como uma disciplina científica? De maneira alguma. Abordagens recentes na filosofia e história da ciência iluminaram as características presumíveis e interpretativas de todas as disciplinas científicas e lançaram bastante luz sobre como funcionam as teorias psicanalíticas. (Greenberg & Mitchell, 1994, p. 10).

Compondo o campo investigativo das ciências humanas, poderia o método psicanalítico ser usado no desenvolvimento de pesquisas científicas, contemplando, por um lado, o rigor acadêmico e também sendo fiel aos seus fundamentos, sua essência interpretativa e inclusiva?

A concretização de investigações da eficácia clínica de psicoterapias implica no uso de procedimentos avaliativos coerentes com os pressupostos intrínsecos ao campo estudado - no nosso caso, a psicanálise. Choca-se, portanto, tanto com a aplicação de instrumentos desenvolvidos a partir de fundamentação positivista, baseados no esquema sujeito-objeto, quanto com protocolos que visam à obtenção de depoimentos dos participantes/pacientes, onde são consideradas as verbalizações dos próprios usuários acerca dos benefícios do tratamento que realizam. No primeiro caso, a impossibilidade opera pela via da incoerência epistemológica; já quanto ao segundo, podemos mencionar que tal requisição pode afetar de maneira perturbadora os participantes, ao depararem-se com o encargo que acompanha o processo de avaliação do próprio tratamento a que se submetem. Ainda nessa linha, temos conhecimento de estudos onde a permanência do participante/sujeito da pesquisa é condicionada ao preenchimento de questionários e termos de consentimento, fato que, naturalmente, afeta, logo de início, o vínculo pesquisador-participante e, em consequência, o processo psicoterapêutico.



No presente estudo, partimos da assunção de dois pressupostos:

1) a existência de possibilidade de realização de pesquisas, rigorosamente fundamentadas, sobre eficácia clínica de psicoterapias psicanalíticas e

2) a necessidade de efetivação de tais estudos, justificada a partir de um imperativo ético.

## O método psicanalítico

Nesta investigação, apresentamos uma metodologia específica, cuja concretização implica na ausência do uso de procedimentos dissonantes com o processo psicoterapêutico para a obtenção de material de pesquisa<sup>14</sup>. Dada sua natureza, tal procedimento metodológico pode ser usado na compreensão de distintos momentos durante uma psicoterapia, bem como se mostra útil para sinalizar os movimentos emocionais durante uma única consulta psicológica/psicoprofilática. Pode também ser empregada por pesquisadores que não participaram dos encontros clínicos e em situações distantes temporalmente do processo psicoterapêutico. Esse é o caso de nossa investigação, uma tese demonstrativa baseada no material clínico de uma psicoterapia em grupo finalizada, com seus resultados publicados sob forma de doutorado.

Acreditamos que o Procedimento que abordaremos nesta tese carrega consigo virtudes fundamentais quando se espera que a psicoterapia seja, concomitantemente, útil ao paciente, que aproveitará dos benefícios dela decorrentes, bem como se preste a ser material de pesquisa que não altere o curso da intervenção, aparecendo como um elemento estranho ao contato entre paciente e psicoterapeuta/pesquisador<sup>15</sup>.

Trata-se do uso do método psicanalítico na avaliação das psicoterapias, sejam estas baseadas nos pressupostos psicanalíticos ou não. Assumimos que a estratégia metodológica ora apresentada, estritamente psicanalítica, presta-se ao estudo da eficácia clínica das

---

<sup>14</sup> Dessa forma, estando desobrigados da realização de tarefas paralelas ao cuidado emocional, os participantes/pacientes ficam sujeitos a um mínimo possível de acometimentos invasivos.

<sup>15</sup> É importante mencionar a existência de escalas diagnósticas que contêm a mesma virtude, não interferindo nos atendimentos clínicos em si, sendo sua análise realizada *a posteriori* do encontro. Fornecemos como exemplo a EDAO – Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada, desenvolvida por Simon (2000, 2005; Simon & Yamamoto, 2008; Rosa, 1995).

mais variadas modalidades de psicoterapia, desde que se fundamentem na consideração das comunicações emocionais.

Nosso ponto de partida é o da consideração de que o uso do método psicanalítico torna factível a percepção de mudança psicológica acarretada por psicoterapias. Evidentemente, cada linha teórica conceitua tais mudanças à sua moda, coerentemente com seu escopo teórico. No próprio campo psicanalítico, diferentes vertentes teóricas competem entre si, no modo como descrevem e se referem ao que é produzido pelo encontro entre paciente e terapeuta. No nosso caso, temos trabalhado com a ideia de que a transformação pessoal, ensejada pela psicoterapia, deve ser compreendida como possibilidade de maior integração pessoal, superação de dissociações, realização de gestualidade espontânea, em harmonia com a concepção de amadurecimento emocional winnicottiano (Winnicott, 1945). Contudo, o Procedimento investigativo de que aqui nos ocupamos não exige, como se verá, adesão ao pensamento de D. W. Winnicott, podendo ser utilizado por psicanalistas que adotam outras perspectivas escolásticas. Este ponto ficará claro quando mostrarmos que o *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas* é rigorosamente psicanalítico, exigindo, dessa forma, desprendimento de crenças e teorias.

Compreendemos que o método psicanalítico tem primazia na obra freudiana, é invariante no que se refere às teorias psicanalíticas e, uma vez que é dotado de caráter fundamentalmente heurístico, apresenta-se como conhecimento absolutamente útil na compreensão de diversos fenômenos.

Lembrando que, de acordo com Bleger (1963), a Psicologia, ao estudar os seres humanos reais e concretos, compartilha seu objeto de estudo com outras disciplinas. Dentro desse panorama, a psicanálise, com seu método específico de investigação, compõe uma série de referenciais possíveis para o estudo das experiências emocionais.

Concordamos com Orange (1995) quando apresenta sua concepção acerca da psicanálise, relacionando-a com o processo de "criação conjunta de sentido", em variáveis situações: o encontro com uma pessoa, com um grupo ou com uma obra de arte. Assumindo que em todos esses momentos são realizados "rabiscos", na acepção

winnicottiana do termo (Winnicott, 1968), uma vez que se tratam de encontros inter-humanos, poderíamos passar a compreender o processo psicanalítico como a “criação/encontro conjunto de sentidos”.

Temos, portanto, a Psicologia, ciência voltada à produção de conhecimento sobre a experiência emocional e a psicanálise, um referencial valioso e fecundo que visa a produção de conhecimento sobre a compreensão dessa experiência.

Retomando nossa proposta investigativa - o uso do método psicanalítico na configuração de estratégia capaz de avaliar a eficácia clínica de psicoterapias psicanalíticas - e inserindo-a num universo que abarca, essencialmente, a *compreensão* dos fenômenos emocionais, acreditamos que, ao examinar a potencialidade mutativa de psicoterapias, inevitavelmente nos aproximaremos da experiência emocional. Para tanto, estratégias coerentes com tal empreitada fazem-se necessárias.

Um estudo metodológico

Considerando que toda empreitada investigativa, nas ciências em geral, e nas ciências humanas em particular, exige a adoção de procedimentos metodológicos que podem revelar tanto o acerto quanto o equívoco de nossas convicções, cabe pensar que estudos rigorosamente configurados são, por sua própria natureza, arriscados.

Os pesquisadores, independentemente da área que estudam, conhecem a sensação de busca por respostas, de (re)organização das perguntas e, em situações mais afortunadas, de encontro com o inesperado. Nossas crenças, sejam pessoais ou científicas, acompanham-nos nesta “aventura”, podendo-se tornar, às vezes, velhos amigos, os fiéis confidentes de nossos devaneios, ou também serem companheiros de viagem. Nossos referenciais teóricos, a escolha metodológica, a preferência por um tema, são elementos reconfortantes em meio às turbulências, mesmo que, eventualmente, sejam abandonados, dando lugar a novas e mais adequadas possibilidades.

Contudo, o que verdadeiramente importa quando embarcamos na aventura científica, é justamente o pressuposto de que a busca incessante da verdade, ainda que local, é valor superior ao bem-estar daquele que não se questiona.

Ora, esta busca, no campo científico, é sempre realizada de modo metódico, sistemático e passível de ser compartilhado com a comunidade científica e, quando realizadas divulgações adequadas, com a sociedade em geral. Por este motivo, pode-se considerar que o método é aspecto fundamental que permite que o risco de perda das certezas seja vivido com relativa tranquilidade e até com certa alegria, pelo que traz consigo de superação do que tínhamos anteriormente como certo. Se o método define a *démarche* científica, em todos os campos, a verdade é que assume uma feição peculiar nas ciências humanas, nas quais serve, inclusive, para apaziguamento das angústias que o contato com o humano inevitavelmente gera (Devereux, 2012). Assim, contribuir para o aperfeiçoamento de procedimentos investigativos pode ser considerado uma tarefa de importância fundamental.

A presente tese corresponde a um momento de um percurso coletivo, que se inicia na Universidade de São Paulo e prossegue na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que exige não propriamente a realização de uma pesquisa empírica, mas um trabalho de caráter metodológico. Trata-se, então, de elaborar um texto reflexivo que possa servir de fundamento para a realização de investigações sobre a eficácia clínica de psicoterapias.

Sendo assim, o trabalho organiza-se em duas etapas:

- a primeira consiste na descrição do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*.
- A segunda corresponde ao exame do material clínico que compõe uma tese de doutorado, defendida em 2010 na Universidade de São Paulo, que fez uso deste Procedimento<sup>16</sup>.

Com esse desenho de pesquisa, inserimo-nos na tradição de uso demonstrativo de estudos de casos, consagrada tanto na medicina, como na psicologia e em outras disciplinas (Yin, 2008). Consideramos que a opção pelo estudo de caso facilita a manutenção de foco e atenção aos detalhes importantes apresentados.

Vale aqui lembrar que algumas questões podem ser resolvidas com o exame de um único caso. Um exemplo ilustrativo é a contribuição de M. A. Secheyne (1950, 1951), psicanalista que se dedicou à refutação da tese freudiana segundo a qual os esquizofrênicos não responderiam satisfatoriamente ao tratamento psicanalítico em virtude de uma incapacidade de produzir neurose de transferência. Esta autora percebeu que bastaria curar uma única paciente, cujo diagnóstico não pudesse ser refutado, para derrubar a ideia de que pacientes que receberam este diagnóstico psiquiátrico seriam psicanaliticamente inabordáveis.

---

<sup>16</sup> Entendemos que uma única demonstração é suficiente para a realização do objetivo proposto.

Seguiremos, aqui, um caminho metodológico similar ao de Sechehaye (1950, 1951), na medida em que pretendemos que o exame de uma única pesquisa poderá produzir efeitos de convencimento sobre o valor do procedimento em pauta. Assim como esta autora teve que ter o cuidado de escolher uma paciente cuja problemática não suscitava dúvidas em termos diagnósticos – manobra absolutamente indispensável para que o sucesso terapêutico não pudesse ser atribuído ao fato da condição de esquizofrenia poder ser julgada como incerta – selecionamos uma pesquisa de doutorado que apresenta características singulares, tornando-a muito apropriada para a realização da tarefa aqui proposta.

Iniciamos examinando onze mestrados e sete doutorados, defendidos e aprovados entre os anos 2000 e 2010 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, uma vez que representam o conjunto total de publicações neste específico formato acadêmico<sup>17</sup> que versam sobre o estudo da potencialidade mutativa de enquadres clínicos diferenciados norteados pelo **'estilo clínico Ser e Fazer'**. No momento da delimitação do objetivo do estudo que ora apresentamos, consideramos pertinente determo-nos em material clínico que guardasse proximidade com a temática que vimos estudando nos últimos anos<sup>18</sup>, a saber, a criação de dispositivos clínicos psicoterapêuticos e/ou psicoprofiláticos, fundamentados nesse estilo clínico particular.

---

<sup>17</sup> Sendo assim, não fizeram parte dessa abordagem preliminar os trabalhos publicados em periódicos ou como capítulos de livros.

<sup>18</sup> Ambrosio, 2005; Ambrosio e Aiello-Vaisberg 2012, 2011, 2009a, 2009b, 2009c, 2008, 2006a, 2006b, 2007, 2005, 2003a, 2003b, 2002a, 2002b, 2000; Ambrosio, Fernandes e Aiello-Vaisberg, 2012; Ambrosio, Cia e Aiello-Vaisberg, 2010; Ambrosio, Fialho e Aiello-Vaisberg, 2010; Ambrosio, Manna e Cia, 2007; Ambrosio, Pontes, Cabrera e Aiello-Vaisberg, 2006a, 2006b; Ambrosio, Aiello-Vaisberg, Ferreira e Corrêa, 2005; Aiello-Vaisberg e Ambrosio, 2012, 2009, 2007, 2006; Aiello-Vaisberg, Ambrosio e Minhoto, 2007; Aiello-Vaisberg, Ambrosio e Corrêa, 2006; Aiello-Vaisberg, Vitali, Giorgio e Ambrosio, 2003; Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrosio, 2010; Aiello-Vaisberg, Ambrosio, Ferreira e Corrêa, 2006; Aiello-Vaisberg, Micelli-Baptista, Ambrosio e Corrêa, 2004; Aiello-Vaisberg, Corrêa e Ambrosio, 2000; Aiello-Vaisberg, Cia e Ambrosio, 2007; Aiello-Vaisberg, Ambrosio e Ferreira, 2007; Aiello-Vaisberg, Micelli-Baptista, Ambrosio e Corrêa, 2007; Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrosio, 2003, 2002; Aiello-Vaisberg, Minhoto, Guerra e Ambrosio, 1996, 1995; Fernandes, Ambrosio e Aiello-Vaisberg, 2012; Cia, Ambrosio e Aiello-Vaisberg, 2007; Zia, Ambrosio e Aiello-Vaisberg, 2012, 2009; Minhoto, Ambrosio e Aiello-Vaisberg, 2006.



Desse conjunto, selecionamos um trabalho publicado em 2010, uma pesquisa de doutorado que apresenta uma proposta psicoterapêutica voltada ao cuidado emocional de idosos, bem como tece considerações acerca de seus efeitos clínicos (Gil, 2010).

Fazendo uso adequado e satisfatório do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*, a publicação selecionada também contempla um precioso requisito: a clara indicação e detalhamento das estratégias metodológicas adotadas. Sendo assim, a partir unicamente da leitura do texto, tivemos acesso a informações fundamentais, tais como o modo como se configuraram os encontros clínicos, a escolha por registrá-los em narrativas psicanalíticas e a organização do material em termos da captação interpretativa dos campos de sentido.

O trabalho de Gil<sup>19</sup> (2010) também se propõe revelar os efeitos clínicos da psicoterapia realizada, valendo-se de duas possibilidades avaliativas: a captação de campos de sentido afetivo-emocional (Aiello-Vaisberg, 2003a, 2003b, 2005, Aiello-Vaisberg & Machado, 2008) e o uso de escalas e testes psicológicos. Entendemos que a apresentação destas duas concepções metodológicas revelam a realização de um trabalho complexo, realizado em duas partes que conversam entre si<sup>20</sup>. De todo o modo, manteremos nossa atenção focada no uso do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*.

Inicialmente, nosso procedimento investigativo consistiu num exame sistemático do material exposto no doutorado de Gil (2010), dedicando atenção aos fundamentos teórico-clínicos presentes nos procedimentos interventivos que delimitaram o enquadre, assegurando-nos quanto ao conhecimento do tipo de psicoterapia realizada.

---

<sup>19</sup> Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Livre Docente Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, defendida e aprovada em outubro de 2010.

<sup>20</sup> Vale a pena ressaltar que o diálogo entre os diferentes modos de abordagem dos efeitos clínicos advindos da intervenção realizada por Gil (2010) não serão explorados na tese que ora desenvolvemos. Caminhamos com objetivo diverso, mas compreendemos que o tema poderá ser elaborado em futuras produções.

Em seguida, revisitamos o registro das vivências clínicas, efetuando nosso próprio encontro com as narrativas, gerando um novo movimento de criação/encontro interpretativo de campos de sentido afetivo-emocional.

Sendo assim, adotamos procedimentos que se distinguem do exame hermenêutico de textos, uma vez que a investigação agora desenvolvida detém-se na interlocução da pesquisadora com as narrativas clínicas confeccionadas por Gil (2010), consideradas como registros de comunicações emocionais que ocorrem em contexto inter-humano. Compreendemos que, neste panorama, os planos conceituais e vivenciais mesclam-se inevitavelmente, uma vez que não abandonamos a clínica que praticamos quando a investigamos.

Finalmente, acreditamos ser importante mencionar que a visitação que ora empreendemos ao material clínico escolhido será realizada por uma pesquisadora que se mantém vinculada afetivamente ao grupo de pesquisa que desenvolve e promove intervenções em enquadre grupal de Oficina Psicoterapêutica '**Ser e Fazer**'. Naturalmente, tal posição confere especificidade ao olhar, uma vez que carrega consigo ressonâncias das experiências pessoais da pesquisadora, vivências de uma época em que ela própria foi uma "oficineira"<sup>21</sup>. Esta vinculação, longe de se constituir como obstáculo a ser superado, enriquece o trabalho, o que é compreensível quando nos lembramos que toda pesquisa qualitativa, realizando-se em campo intersubjetivo, não exige o apagamento da subjetividade do pesquisador e sim que se empenhe pessoalmente no processo de busca do conhecimento verdadeiro.

---

<sup>21</sup> Informalmente, os psicoterapeutas que integram a "**Ser e Fazer**": Oficinas Psicoterapêuticas de Criação", da Universidade de São Paulo, adquiriram o hábito de autodenominar-se "oficineiros".

## ***O Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas***

Valendo-se do próprio método psicanalítico para a configuração de metodologia que propicie avaliar quais os alcances e quais os limites de um tipo específico de intervenção psicanalítica, o presente estudo difere da avaliação realizada por meio do uso de escalas ou técnicas projetivas, do uso de depoimentos dos pacientes ou da busca por indícios de suspensão de alívio sintomáticos.

Ao assumirmos que a psicanálise relaciona-se estreitamente ao conhecimento compreensivo acerca de experiências emocionais (Orange, 1995), partimos em busca de estratégia heurística que nos possibilitasse demonstrar a ocorrência de processos indicativos de mudança emocional. Na busca por tais movimentos mutativos, lançamos mão do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*, focalizado nesta tese.

A realização de tal Procedimento exige o cumprimento de duas etapas, assim delineadas:

1. a produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional (Aiello-Vaisberg, 1999a, 2007; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), seguida da
2. averiguação de existência de *trânsito* entre campos, como elemento norteador de demonstração de mudanças ocasionadas a partir de processos psicoterapêuticos.

Para tanto, apresentamos um estudo de caso, um doutorado datado de 2010, cujo material clínico é composto por uma intervenção psicoterapêutica orientada pelo método psicanalítico, e demonstraremos o uso do Procedimento citado.

Apresentando proposições absolutamente originais, Herrmann (1979) auxilia-nos no desenvolvimento de fundamentos teórico-clínicos orientados psicanaliticamente, permitindo a criação de dispositivos interventivos diferenciados.

Referimo-nos anteriormente<sup>1</sup> a sua compreensão acerca do local privilegiado que o método ocupa no conhecimento psicanalítico. Agora, partindo da premissa da intrínseca invariabilidade do método, caminharemos ao encontro dos fundamentos que nos permitiram embasar o *Procedimento 'Ser e Fazer'*.

Herrmann (1979), buscando a recuperação do método psicanalítico, propõe a construção de uma teorização que se apoia num princípio de natureza intersubjetiva: "Toda relação humana é suportada por um campo." (1997, p. 133), definindo campo como o "conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana." (1979, p. 28). Percebemos nesta concepção o que julgamos ser a essência do método psicanalítico: a assunção inexorável da presença de sentido emocional em todas as condutas humanas. A partir desta aproximação com o pensamento herrmanniano, deparamo-nos com outra equivalência de relevante valor epistemológico, que optamos por destacar, recorrendo às palavras do autor:

---

<sup>1</sup> No capítulo denominado "Haverá um preço por desconsiderar a pesquisa com o método psicanalítico?".

“qualquer campo concebível possui a índole de inconsciente relativo para as relações que suporta.” (1979, p. 29).

Inspirada pela formulação de campo/inconsciente relativo de Herrmann (1979) e suas decorrências – uma delas, a impossibilidade de manutenção da unidade do inconsciente metapsicológico -, Aiello-Vaisberg efetua interlocução com a obra blegeriana (Bleger, 1963), resultando na criação de um elemento fundamental para a realização de investigações psicanalíticas: trata-se do conceito de *campo de sentido afetivo-emocional* (Aiello-Vaisberg, 2003a, 2003b, 2005; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). As primeiras publicações em que o conceito de *campos de sentido afetivo-emocional* apareceu referem-se a estudos sobre imaginários coletivos. Posteriormente, também aparecem em investigações sobre eficácia clínica. Entretanto, é importante lembrar que desde o momento em que surgiu na ‘Ser e Fazer’, o conceito serve como orientador de supervisões clínicas.

Finalmente, é importante destacar que encontramos proximidade entre os conceitos de *campos de sentido afetivo-emocional* (Aiello-Vaisberg, 2003a, 2003b, 2005; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008) e de *campo* ou *inconsciente relativo* (Herrmann, 1979).

Entretanto, algumas diferenças devem ser pontuadas.

Do ponto de vista do estilo clínico ‘Ser e Fazer’, ao acompanharmos o posicionamento de autores que reivindicam a volta da Psicologia aos fenômenos concretos, à dramática do viver (Poltzer, 1928; Bleger, 1958, 1963), os campos são concebidos como relativos a condutas de seres humanos concretos. Assim, abordamos toda e qualquer

experiência humana como condutas dramáticas que podem expressar-se nas áreas e âmbitos de atuação mencionados por Bleger (1963). Fica, deste modo, evidente porque não buscamos promover transformações representacionais, nem tampouco concebemos a eficácia clínica como trânsito entre representações. Na verdade, a ideia central da avaliação de mudança terapêutica na nossa perspectiva, é algo diverso: o trânsito entre *campos de sentido afetivo-emocional*, a partir dos quais emerge toda a conduta.

## Os campos de sentido afetivo-emocional

Compreendemos por *campos de sentido afetivo-emocional* um conjunto de regras – crenças, ideias, sentimentos, pensamentos, valores - que operam tanto de modo consciente como não consciente em todas as manifestações humanas. Seriam a matéria originária, a essência e o fundamento sustentador das condutas humanas.

Os *campos de sentido afetivo-emocional* não possuem uma existência ontologicamente independente; consistem em produções interpretativas do psicanalista/pesquisador, a partir de sua experiência no encontro com narrativas transferenciais. Sendo assim, podemos entender que o material de que se trata é proveniente das impressões subjetivas que brotam no encontro de uma pessoa com qualquer fenômeno, registradas sob a forma de narrativa.

Afirmar que os *campos* são produções interpretativas indica a compreensão da natureza absolutamente vincular do encontro inter-humano, ou seja, entende-se que os *campos* são criações/encontros (Winnicott, 1971) de sentidos possíveis, não sendo entidades ou princípios pré-existentes à experiência, aguardando para serem descobertos ou traduzidos pelo psicanalista. Os sentidos possíveis das condutas são, portanto, construídos no encontro inter-humano, em campo transferencial.

Cada conduta humana, ao assentar-se sob um conjunto de regras lógico-afetivas que se constelam transferencialmente, possui seu próprio inconsciente relativo (Herrmann, 1979). Esse inconsciente, que acontece

*em relação a um fenômeno, difere substancialmente do inconsciente de que trata a metapsicologia, tanto no que diz respeito à sua natureza, quanto na posição epistemológica que ocupa. Como apontou Herrmann (1997), deve-se dizer "há o inconsciente, antes que o inconsciente existe."* (p.239).

O inconsciente relativo corresponde à produção interpretativa de *campos de sentido afetivo-emocional*, à criação/encontro de múltiplos sentidos possíveis. Este movimento, por sua vez, indica que o método psicanalítico encontra-se em ação, concretizado pela atenção livremente flutuante e pela associação livre de ideias.

De posse deste conceito, o encontro com o material clínico, seja este a narrativa de uma entrevista psicológica ou do encontro do narrador com uma produção artística, passa a ser considerado passível de investigação psicanalítica, cujos fundamentos epistemológicos encontram-se em rigorosa concordância com os princípios pós-modernos (Santos, 1987).

Sendo o substrato afetivo-emocional das condutas, os *campos* devem ser compreendidos como "regiões" habitadas em determinados momentos. Essa caracterização espacial permite-nos, ao mesmo tempo, realizar uma aproximação à dramática humana e considerar a existência de uma infinidade de mundos possíveis sendo povoados, alguns com mais permanência que outros.

Poderíamos mesmo imaginar que, ao defrontar-se com certo fenômeno, uma pessoa entraria instantaneamente em uma região, uma sala, por exemplo, deparando-se com o mobiliário, com as cores e textura das paredes, a atmosfera, os cheiros e com as possibilidades que estas condições, que estas "regras", podem gerar. Cada *campo* seria uma sala, com seus princípios e funções próprias. Do mesmo modo que



acontece na vida, cada pessoa habita muitos lugares – ou está somente “de passagem” por eles; alguns se interconectam, outros são vividos apenas esporadicamente, outros ainda são tão permanentes que poderíamos imaginá-los como sendo um edifício repleto das salas que visitamos.

Acreditamos ser importante destacar que a materialização do método necessita da colocação em marcha de uma postura fenomenológica por parte do psicanalista/pesquisador, tomando em consideração as comunicações emocionais o mais livremente possível de conceitos, pensamentos ou classificações prévias de quaisquer tipos. Remetendo-nos, novamente, às explicações de Herrmann:

Uma parte do analista deve ser doada irrestritamente à espera. Esta se mantém neutra, aguardando que algum broto de sentido comece a surgir. É como passear num bosque, sem a intenção definida de procurar qualquer beleza em particular, simplesmente deixando que ela surja. (Herrmann, 1979, p.70)

Dirigimo-nos ao encontro das comunicações emocionais com uma levíssima bagagem de mão, com um mínimo de crenças e pressupostos. Até mesmo as teorias que nos são mais caras – a metapsicologia, por exemplo, ou a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional – devem ser colocadas em suspensão.

A criação/encontro dos *campos*, além de propiciar e destacar a constelação de sentidos possíveis das condutas, deve ser usada como norteadora das intervenções do psicanalista, que elegeria trabalhar a partir de certa

compreensão clínica. Do mesmo modo, as supervisões de material clínico fundamentadas no estilo clínico 'Ser e Fazer' buscam a criação interpretativa dos possíveis campos e atêm-se ao trânsito entre eles.

Nesse panorama epistemológico, o método concretizado pela postura livremente atenta do psicanalista/pesquisador no encontro inter-humano, deixando que múltiplos sentidos surjam, indica que a transferência alcança valor metodológico (Herrmann, 1979).

Encontros com a Oficina de  
Cartas, Fotografias e  
Lembranças

Partiremos, neste momento do texto, para uma nova experiência: conheceremos a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças, fundamentada no **estilo clínico 'Ser e Fazer'**, modo de intervenção psicanalítica adotado pela psicóloga/psicanalista Claudia Aranha Gil, campo de investigações acerca das possibilidades psicoterapêuticas de um enquadre diferenciado (Machado, Aiello-Vaisberg, Gil & Tardivo, 2003; Gil, 2010, 2005) e de proposta de cuidado emocional a idosos (Gil, 2010).



Imagem representativa da Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças, idealizada e confeccionada por Claudia Aranha Gil

Aproximando-nos das publicações de Gil (2010, 2005), notamos que seu interesse pelo cuidado psicológico a idosos compõe percurso clínico e acadêmico, possibilitando o reconhecimento de uma problemática muito debatida na atualidade: a busca de pacientes idosos por atendimento psicológico e a necessidade, por parte dos profissionais de saúde, de compreender o contexto vivenciado por essa parcela da população, no intuito de desenvolver intervenções pertinentes.

Partindo de sua experiência clínica e do interesse pela temática, Gil propôs, ao encontrar-se com o grupo de pesquisa '**Ser e Fazer**', a realização de uma Oficina onde objetos trazidos pelos participantes pudessem ser aproveitados para a vivência de um acontecer clínico. Criou, assim, um enquadre diferenciado grupal, um *mundo transicional*

*temporário*, qual acontece nas Oficinas Psicoterapêuticas de Criação. A Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças teve início em 2003, compondo quadro de serviços psicológicos oferecidos à comunidade pela 'Ser e Fazer'<sup>23</sup>.

Uma vez que tem no **estilo clínico 'Ser e Fazer'** seus fundamentos interventivos, esta Oficina destaca-se pela criação de um espaço transicional, onde se busca favorecer a ocorrência de experiências mutativas por meio de sustentação emocional<sup>24</sup>.

A instauração deste mundo transicional acontece a partir do convite feito pela psicanalista/pesquisadora aos participantes para que tragam aos encontros "cartas, fotografias, objetos ou lembranças de qualquer natureza" (Gil, 2010), que lhes sejam significativos. Concomitantemente, apresenta um grande quadro magnético, dotado de um beiral para apoio de objetos, além de imãs que permitem que fotos e cartas possam ser dispostos.

Em cada encontro na Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças, os participantes podem apresentar objetos, selecionados segundo critérios pessoais, e falar sobre acontecimentos a eles relacionados, compartilhando narrativas de vida com o grupo<sup>25</sup>. Ao final de cada sessão, o quadro magnético repleto de objetos é fotografado e as fotos são guardadas em um álbum, que fica disponível aos participantes durante todos os encontros.

Notamos que o mundo transicional instaurado assemelha-se a uma instalação artística tridimensional, produção criada e desmontada pelo autor a cada exposição, que carrega elementos pertencentes ao contexto em que ocorrem. Uma instalação ao ar livre pode ser alterada pelas condições climáticas como o vento ou a chuva; outra produção, realizada em local fechado, pode valer-se dessas propriedades para

---

<sup>23</sup> Os encontros, semanais, tiveram duração de uma hora e meia. Esta Oficina nas dependências da 'Ser e Fazer' foi encerrada em 2010.

<sup>24</sup> Detalhamento dos fundamentos do **estilo clínico 'Ser e Fazer'** encontram-se apresentados no próximo capítulo desta tese.

<sup>25</sup> Vale ressaltar que esta exposição – dos objetos e das histórias – não é imposta; pode-se participar do grupo de várias formas, levando a todos os encontros os objetos escolhidos, levando-os às vezes, ou mesmo não levando objetos ou narrando histórias pessoais.

proporcionar outro tipo de experiência aos visitantes. Da mesma forma, o quadro magnético com beiral de apoio da Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças é “impresso” pelos objetos trazidos diferentemente a cada encontro.

Seguindo o modelo desta Oficina, que manteve durante alguns anos nas dependências do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Gil realizou outro projeto interventivo, voltado ao cuidado psicológico de pacientes idosos, desta vez em uma instituição no interior do Estado de São Paulo. Neste espaço, realizavam atividades físicas, aulas de artesanato, de dança cigana e participavam do coral. Esta experiência foi detalhadamente considerada em seu doutorado (Gil, 2010), que aqui serve de base para a demonstração do uso do *Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*.

## Conhecendo a fundamentação teórico-clínica da Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças: o **estilo clínico 'Ser e Fazer'**

Desenvolvido no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo a partir da década de 1990, o **estilo clínico 'Ser e Fazer'** aparece no cenário científico como proposição psicanaliticamente orientada, intencionando compor o quadro de possibilidades interventivas no âmbito da saúde pública brasileira, em meio ao efervescente período seguido à reforma psiquiátrica.

Nascendo em âmbito universitário, traz consigo marcadas características que permitem a inserção acadêmica de seus pressupostos, estudados cientificamente ao longo de sua elaboração, gerando grande número de dissertações e teses, além de publicações em periódicos nacionais e internacionais<sup>26</sup>.

Rigorosamente fundamentado no método psicanalítico, o **estilo clínico 'Ser e Fazer'** caracteriza-se como modalidade de intervenção que opera de modo inovador, tanto no que diz respeito aos objetivos clínicos pretendidos, quanto pela primazia que confere ao uso de materialidades expressivas no encontro inter-humano, uma das vias concretizadoras das afinidades que mantém com os princípios epistemológicos da pós-modernidade (Santos, 1987).

Sendo uma proposta voltada ao desenvolvimento de enquadres clínicos diferenciados, tal estilo clínico insere-se num campo de investigação das modificações no *setting* psicanalítico.

Notamos na literatura científica genuíno interesse na elaboração de práticas interventivas visando o cuidado à saúde emocional das

---

<sup>26</sup>Um quadro geral desta produção pode ser obtido acessando o currículo *Lattes* de Tânia Aiello Vaisberg.

pessoas. Inspiradas na obra freudiana, muitas se detêm na construção de modificações nas técnicas psicanalíticas, dada a constatação e consideração das condições sociais, econômicas, políticas, institucionais e psicopatológicas da atualidade<sup>27</sup>. Entretanto, percebemos que algumas das propostas de alteração no dispositivo freudiano concretizam-se abarcando uma série de ações, relacionadas estritamente à mudança no que tange os aspectos formais do enquadre padrão, tais como frequência e duração das sessões, local (consultório privado, instituição ou mesmo o deslocamento do psicanalista até a situação em jogo) e público alvo.

Entretanto, na medida em que entendemos que o conhecimento acerca dos fundamentos psicanalíticos necessariamente se alicerça na distinção entre método, procedimentos clínicos e teorias, conquistamos uma nova visão sobre a prática terapêutica. De fato, discriminaremos, de um lado, a essência interpretativa do método, que se assenta sobre o pressuposto de que não existem limites para a compreensibilidade da conduta humana (Aiello-Vaisberg, 1999), da possibilidade de realizar atendimento psicanalítico sem lançar mão da enunciação de sentenças interpretativas. Acreditamos, inclusive, que o abandono de estratégias clínicas estritamente voltadas ao deciframento de sentidos e ao autoconhecimento seja indispensável, quando pretendemos honrar a verdadeira vocação da psicanálise, fundada em premissa essencialmente inclusiva e libertadora, constituinte de sua "alma" (Aiello-Vaisberg, 2002, 2003a, 2004a; Aiello-Vaisberg & Machado, 2003, 2008; Aiello-Vaisberg, Machado & Ambrosio, 2003).

Percebendo a existência de modos distintos de inserção da psicanálise no desenvolvimento de intervenções em saúde mental<sup>28</sup>, verificamos que alguns estudiosos partem do uso da teoria psicanalítica como auxiliar na compreensão mais aprofundada dos fenômenos psicológicos e do sofrimento humano, não se propondo realizar trabalho crítica e reflexivo acerca de seus fundamentos. Assim, operam a partir da

---

<sup>27</sup> Lembremos que Freud (1910), referindo-se aos avanços no conhecimento do inconsciente, ancorado nos progressos técnicos do tratamento das neuroses, afirmava que "O tempo há de mostrar se o tratamento psicanalítico pode realizar mais." (p.132).

<sup>28</sup> Já adiantamos que o trabalho de Gil (2010) ilustra uma interessante possibilidade de realização de psicoterapia psicanalítica em instituição.



assunção de um corpo psicanalítico único – teoria e técnica -, cujos constructos teóricos fundamentais foram desenvolvidos e apresentados por Freud, na metapsicologia<sup>29</sup>.

Outros autores mostram-se interessados em examinar o campo psicanalítico, seja com intuito de organizar a obra freudiana atrás de definições mais exatas de seus conceitos fundamentais, seja problematizando suas bases epistemológicas. Nesse segundo caso, poderíamos mencionar autores como Politzer (1928), Bleger (1958, 1963), Greenberg & Mitchell (1994), Atwood, Stolorow & Orange (2011), Stolorow & Lachmann (1983), Stolorow (2000a, 2000b), Curtis (2012) e, em território brasileiro, Safra (1995, 1996, 1999, 2006), Loparic (1997, 2006), Fulgêncio (2003, 2008). Aiello-Vaisberg (1995, 1997, 1999a, 1999b, 2001b, 2002, 2003a, 2003b, 2004a, 2004b, 2005, 2007, 2011) pode ser incluída nesta lista, na medida em que desenvolve uma visão crítica que motiva a proposição de um estilo diferenciado, usado tanto em intervenções psicoterapêuticas e/ou psicoprofiláticas, em âmbito individual ou coletivo, bem como na composição de pesquisas.

Concordando com Bleger (1963), lembramos que todas as teorias psicológicas carregam em seu bojo concepções antropológicas e elaborações acerca do sofrimento emocional, mesmo que não estejam apresentadas explicitamente. Dessa forma, eleger esta ou aquela composição teórica significa assumir determinado parâmetro interventivo, uma vez que entendemos que uma clínica é rigorosamente fundamentada e coerente quando "*estão alinhados o método, a teoria, a clínica e a ética*" (Aiello-Vaisberg, 2003b, p. 101). Compreendemos, portanto, que, mesmo ignorado em suas minúcias, o referencial teórico que se adota ao compor uma intervenção permeará todo o acontecer.

Acompanhando o percurso do grupo de pesquisa liderado pela Profa. Tânia Aiello Vaisberg, podemos notar que, desde os primórdios, as investigações desenvolvidas sempre se pautaram pelo cuidado psicológico voltado a indivíduos e/ou coletivos que vivenciavam

---

<sup>29</sup> Mesmo sofrendo alterações teóricas e técnicas, dada a evolução do conhecimento psicanalítico, quando se trata da metapsicologia, percebe-se que tais modificações não chegam a atingir o cerne do edifício construído por Freud; a busca por alívio do sofrimento humano ainda é exercida por meio do conhecimento daquilo que foi relegado ao inconsciente recalçado.

sofrimento emocional. No então denominado '*Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social*', criado em 1992 e vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intervenções inspiradas nas proposições epistemológicas do psicanalista argentino José Bleger (1963), nas contribuições à pesquisa psicanalítica de Fabio Herrmann (1979) e com uso do conceito de transicionalidade (Winnicott, 1971a), trouxeram avanços para a pesquisa-intervenção na área da psicanálise de representações sociais (Aiello-Vaisberg & Machado, 1996).

Contribuindo com a assunção da existência de uma intrínseca relação entre mudança representacional e a consideração do substrato afetivo-emocional, os trabalhos então apresentados<sup>30</sup> já apontavam para a necessidade da instauração de um campo transicional de trabalho, espaço onde a experiência mutativa possa acontecer:

A solução para o nosso problema pode estar, portanto, no provimento de situações grupais que facilitem o brincar e, simultaneamente, proporcionem vivências de acolhimento. Em outros termos, na proposição do que temos denominado enquadre transicional, ao qual chegamos, em nossa experiência clínica, através do uso de diferentes procedimentos projetivos, com finalidades profiláticas, pedagógicas e terapêuticas. (Aiello-Vaisberg, 1997, p. 08).

Valendo-se de procedimentos mediadores da experiência emocional, o psicanalista-pesquisador tem por objetivo favorecer a expressão genuína dos participantes, abarcando os elementos não conscientes do material a ser estudado:

Toda e qualquer forma de comunicação humana pode ser usada como procedimento mediador: desenhos, histórias, observação de quadros previamente compostos,

---

<sup>30</sup> Tais estudos foram realizados desde 1986, partindo da tese de Doutorado que se propôs investigar o relato dos acompanhantes de pacientes internados em instituição psiquiátrica (Aiello-Vaisberg, 1986). Como dissemos anteriormente, um detalhamento da produção pode ser obtido acessando o currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4670585523085617>.

dramatizações, invenção de estórias em quadrinhos, pintura, escultura, colagens, além dos mais variados jogos. (Aiello-Vaisberg & Machado, 2003, p.9 [5]).

Podemos notar que Aiello-Vaisberg muito fez uso de procedimentos com potencial expressivo em suas pesquisas. A partir de uso do conceito de transicionalidade (Winnicott, 1971), pode, contando sempre com a colaboração de integrantes do grupo '**Ser e Fazer**', desenvolver uma proposta significativamente diversa, denominada Procedimentos Apresentativo-Expressivos (Aiello-Vaisberg, Corrêa & Ambrosio, 2000). Ao afirmar a natureza dialógica destes procedimentos, naturalmente caminhou-se em consonância com os princípios pós-modernos (Santos, 1987), determinando substancialmente os fundamentos epistemológicos embasadores das investigações<sup>31</sup>.

A presença genuína do psicanalista/pesquisador no encontro inter-humano, seja este configurado como uma entrevista psicológica, como uma consulta psicoterapêutica ou como um mundo oficinairo, é compreendida como elemento absolutamente necessário e constituinte do acontecer clínico que se quer favorecer. Atualmente, denominamos "mundos transicionais" (Aiello-Vaisberg e Ambrosio, 2006, 2009a, 2009b) aos espaços-tempos criados pela presença viva e real do psicanalista que se encontra em estado de empatia frente o sofrimento emocional vivenciado pela pessoa ou grupo com que se encontra, disponibilizando-se para lhes oferecer cuidado psicológico.

Como já indicado em sua própria terminologia, os Procedimentos Apresentativo-Expressivos trazem uma significativa modificação no que tange ao papel do psicanalista durante o acontecer clínico: se antes se encontrava em posição de neutralidade, agora participa ativa e

---

<sup>31</sup> Em decorrência, pudemos acompanhar criação de uma estratégia metodológica de configuração do acontecer clínico, de natureza essencialmente dialógica, chamada Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999a). A proposta desse Procedimento partiu de uma significativa alteração realizada no Procedimento de Desenhos-Estórias, instrumento originalmente criado por Trinca (1976) com objetivo psicodiagnóstico.

criativamente do encontro inter-humano, desde sua concepção primeira, *apresentando*<sup>32</sup> uma possibilidade de experiência.

Em projeto elaborado para apresentação da “**Ser e Fazer**”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação” ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Aiello-Vaisberg (1997) já enunciava tanto a assunção do uso do método psicanalítico<sup>33</sup> na composição dos enquadres diferenciados, quanto uma diretriz ao psicoterapeuta acerca de seus objetivos:

A interpretação não é, contudo a única operação passível de ser feita a partir da aplicação do método psicanalítico. (...) O manejo requer o uso do método psicanalítico, mas é um conjunto de operações que difere da interpretação, dizendo respeito ao modo global como a experiência psicoterapêutica é apresentada ao paciente. (Aiello-Vaisberg, 1997, p. 04-05).

Compreendemos, assim, que o **estilo clínico ‘Ser e Fazer’** encontra-se presente desde os primórdios do trabalho de Aiello-Vaisberg, quando, ao investigar os aspectos afetivo-emocionais subjacentes às representações sociais, já se anunciava – e efetivamente se vivenciava – a potencialidade mutativa tanto dos encontros inter-humanos, quanto a importância do uso das materialidades expressivas. Aiello-Vaisberg e Machado (2003) complementam:

O conjunto de nossos esforços na busca de estratégias clínicas facilitadoras da auto expressão nos conduziu à criação de uma prática sócio-clínica que, idealizada para o atendimento de coletivos, pode ser considerada como modalidade específica de psicoterapia psicanalítica grupal, mediante a disponibilização de materialidades mediadoras. (Aiello-Vaisberg & Machado, 2003, p.10).

---

<sup>32</sup> O uso do termo “apresentativo” refere-se ao conceito winnicottiano de apresentação de objeto (Winnicott, 1964).

<sup>33</sup> Diferenciando-o das teorias e técnicas metapsicológicas.

Como pudemos apontar, inseridas em um conjunto de pesquisas psicanalíticas, as investigações realizadas por Aiello-Vaisberg e por colaboradores do grupo de pesquisa objetivam a criação de dispositivos clínicos favorecedores dos “encontros brincantes”<sup>34</sup> (Aiello-Vaisberg, Corrêa & Ambrosio, 2000). Partindo da apreensão das concepções antropológica e psicopatológica subjacentes à essência constituinte dessas intervenções, buscamos apreender seus objetivos, seja quando se pretende tratamento psicológico, seja quando o pesquisador atua em sentido psicoprofilático (Bleger, 1966).

Aiello-Vaisberg (2003b) adianta que a proposta apresentada pelo **estilo clínico ‘Ser e Fazer’** harmoniza-se com

... uma concepção do homem como ser criador, do mundo como realidade humanamente criada e da cura como evento mutativo favorecido pelo psicanalista em respeito à condição de ser criador inevitavelmente presente no paciente. (Aiello-Vaisberg, 2003b, p. 101).

Sendo assim, estamos diante de um estilo clínico que se pretende curador de sofrimento humano decorrente da dissociação e da vivência de futilidade (Winnicott, 1945), fazendo uso de um tipo de intervenção que tem na sustentação emocional seu pilar. Difere, portanto, de práticas alicerçadas em objetivos pedagógicos ou que buscam um posicionamento psíquico normótico.

São norteadores do **estilo clínico ‘Ser e Fazer’**:

- 1) o uso de materialidades expressivas com potencial criativo;
- 2) intervenções fundamentadas no *holding* (Winnicott, 1945);
- 3) preferência pelo enquadre grupal.

---

<sup>34</sup> Terminologia criada para caracterizar as intervenções alinhadas ao **estilo clínico ‘Ser e Fazer’**.

Uma vez que tais elementos são embaixadores de uma vasta gama de proposições interventivas, algumas já apresentadas em teses e dissertações<sup>35</sup>, bem como em artigos científicos, consideramos indispensável, neste estudo, dedicar atenção ao detalhamento dessas características.

## Os Procedimentos Apresentativo-Expressivos

O estilo clínico 'Ser e Fazer' preconiza o uso de Procedimentos Apresentativo-Expressivos na configuração do acontecer clínico, como forma de facilitar o compartilhamento de experiências emocionais, favorecendo expressões de aspectos do *self* dos participantes. Compreende-se que essas vivências são comunicações dirigidas ao psicanalista e que podem relacionar-se a dificuldades enfrentadas pelo paciente/participante da intervenção e a suas crenças imaginativas sobre certo assunto, mas que também carregam aspectos ligados aos modos de ser, aos estilos pessoais de cada um.

O psicanalista, ao configurar espaços facilitadores da comunicação emocional<sup>36</sup>, inaugura a possibilidade de gestualidade espontânea. Convida à transicionalidade a partir da apresentação, em *pequenas doses* (Winnicott, 1964), de um fragmento de seu próprio mundo subjetivo. Considerando os rabiscos de Winnicott, poderíamos dizer que o psicanalista "serefazer" apresenta ao seu paciente um rabisco pessoal, encorajando-o a expressar-se e continuar o desenho. Estamos diante de um tipo diferenciado de *setting* psicanalítico, onde a mudança não se opera pela via da alteração dos aspectos formais do contrato, para

---

<sup>35</sup> Dissertações: Granato, 2000; Sato, 2001; Minhoto, 2001; Micelli-Baptista, 2003; Camps, 2003; Agostinho, 2003; Mencarelli, 2003; Giorgi, 2003; Ferreira, 2004; Vitalli, 2004; Ambrosio, 2005; Tachibana, 2006; Corbett, 2009; Pontes, 2011. Teses: Granato, 2004, Sato, 2007; Medeiros, 2009; Camps, 2009; Mencarelli, 2010; Gil, 2010; Tachibana, 2011; Gallo-Belluzzo, 2011.

<sup>36</sup> Como já mencionamos, estes espaços vivenciais são também chamados de mundos transicionais (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006) ou espaços-tempos de Brincar (Aiello-Vaisberg, 2004a, Ambrosio, 2005; Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2007).

abranger os objetivos terapêuticos pretendidos, em semelhança ao que Bleger (1968) conceituava:

(...) dentro del encuadre psicoanalítico incluimos el rol del analista, el conjunto de factores espacio (ambiente) temporales y parte de la técnica [el encuadre corresponde más a una estrategia que a la técnica.] (en la que se incluye el establecimiento y mantenimiento de horarios, honorarios, interrupciones regladas, etc.)<sup>37</sup>. (Bleger, 1968, p. 311).

Interessante notar que há facilidade para encontrarmos registros de propostas para modificações no enquadre padrão quando se tratam de alterações formais – quantia de sessões por semana, duração dos encontros, duração do tratamento<sup>38</sup>. Podemos encontrar na literatura científica exemplos deste tipo de compreensão. Em trabalho didático e apresentativo da teoria winnicottiana, Pandiella (2000) remete-nos ao trabalho de Etchegoyen (1987) e concorda com a definição de enquadre que leva em conta apenas as variáveis formais e concretas do acordo entre analista e paciente que devem manter-se fixas durante o processo analítico. Visão semelhante de enquadre encontramos no artigo de Migliavacca (2008), que define o *setting* como

moldura (...) suficientemente clara, firme, consistente, rigorosa e flexível ao mesmo tempo, dentro da qual os conteúdos psíquicos possam encontrar a possibilidade de se

---

<sup>37</sup> (...) incluimos no enquadramento psicanalítico o papel do analista, o conjunto de fatores espaciais (ambiente) e temporais, e parte da técnica [O enquadramento corresponde mais a uma estratégia que uma técnica.] (na qual se inclui o estabelecimento e a manutenção de horários, honorários, interrupções planejadas, etc.).

<sup>38</sup> Modificações mais estruturais, como as que vimos no **estilo clínico 'Ser e Fazer'**, tendem a ser compreendidas como um tipo de infração ao dispositivo padrão, grave o suficiente para merecer a exclusão de seu campo do conhecimento. Nos primórdios das apresentações sobre os trabalhos da **'Ser e Fazer'**, muitos eram os comentários pareando as atividades à arteterapia, excluindo-as do campo psicanalítico.

manifestarem como suficiente liberdade para serem examinados. Essa moldura é o *setting*." (Migliavacca, 2008, p. 222).

Embora a autora remeta-se ao brincar winnicottiano, por não distinguir o método psicanalítico da metapsicologia, insere o trabalho do psicanalista inglês no mesmo modelo pulsional utilizado por Freud (Greenberg & Mitchell, 1994), causando atropelos para o entendimento da concepção antropológica inovadora apresentada por Winnicott.

Winnicott, interlocutor valoroso, inspirador do **estilo clínico 'Ser e Fazer'**, apresenta-nos a proposta de um enquadre diferenciado – as 'Consultas Terapêuticas' (Winnicott, 1965, 1968a, 1971b) - e tece considerações acerca de sua aplicabilidade e de seus limites clínicos. Apresenta essa modalidade de atendimento, localizando-a fora tanto da psicanálise padrão quanto da psicoterapia. Nas palavras do autor:

Há uma categoria de casos em que essa espécie de entrevista psicoterapêutica deve ser evitada. Não diria que com uma criança muito doente não é possível se fazer um trabalho eficaz. Mas diria que, se a criança sai da consulta terapêutica e retorna para uma situação familiar ou social anormal, então não há provisão ambiental alguma da espécie necessária e que eu julgaria admissível. Confio em um 'ambiente desejável médio' (...). (Winnicott, 1971b, p. 13).

Inspiradas pela ideia, Vitali<sup>39</sup> e Aiello-Vaisberg (2003) realizam surpreendente reflexão acerca da proposta e, considerando tanto as

---

<sup>39</sup> Lígia Masagão Vitali foi responsável pela Oficina de Arranjos Florais da Ser e Fazer durante o período de 2000 a 2007. Realizou também diversas intervenções valendo-se do estilo clínico 'Ser e Fazer', usando sua materialidade-rabisco: as flores vivas. Entre elas, destacamos as Consultorias Psicoterapêuticas com alunos de um curso de pós-graduação *lato senso* em Artepsicoterapia, Entrevistas Coletivas para a Abordagem do Imaginário Coletivo, Oficina Psicoterapêutica de Arranjos Florais na Ser e Fazer (IPUSP) e para pacientes com ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), que acontecia no setor de neuromuscular da UNIFESP.



proposições winnicotianas como suas experiências clínicas, tecem sutis, mas marcantes alterações quando comentam:

No trabalho que fazemos no ambulatório, a oficina acontece sempre sem essa preocupação de ser a primeira ou as primeiras duas ou três sessões, isto é, usamos as flores como materialidade mediadora para entrar em contato com os pacientes não só nas primeiras entrevistas, mas sempre. Pode ser feita uma leitura segundo a qual seria possível questionar a possibilidade do uso paradigmático do Jogo do Rabisco para além do enquadre específico da consulta terapêutica. (...) o próprio Winnicott nos fornece a possibilidade de pensarmos mais amplamente. (...) Podemos, portanto, fazer uma leitura "ampliada" e pensar que o psicanalista pode ser essa presença humana que dá o *holding* para além da primeira ou primeiras sessões reduplicadas, no contexto de outros enquadres diferenciados." (Vitali & Aiello-Vaisberg, 2003, p. 146-147).

Sendo assim, as consultas psicoterapêuticas fundamentadas no **estilo clínico 'Ser e Fazer'** inspiram-se na obra winnicottiana, mas se constituem como prática clínica diferenciada e original. Este modelo de enquadre norteia a prática clínica nas Oficinas Psicoterapêuticas de Criação, exemplificadas acima com a vivência clínica da Oficina de Arranjos Florais para pacientes com ELA (Vitali, 2004), mas também se aplica aos outros enquadres já mencionados<sup>40</sup>. Podemos mesmo afirmar que é um dos modos de compreender o ofício do psicanalista '**serefazer**'.

## A sustentação emocional

Compreender que uma proposta interventiva objetiva o favorecimento de sustentação emocional das experiências insere-nos em um campo reflexivo onde encontramos Winnicott como principal

---

<sup>40</sup> Entrevistas psicológicas, consultas psicoterapêuticas ou mundos "oficineiros".

interlocutor. A assunção acerca do objetivo do tratamento psicanalítico aparece em sua obra, quando diretamente dirige-se ao clínico expondo suas inovações<sup>41</sup> (Winnicott, 1962a), mas também compõe o conjunto de fundamentos apresentados em suas considerações acerca do amadurecimento emocional (Winnicott, 1945).

Neste panorama, o *holding* (Winnicott, 1945) alinha-se à concepção antropológica que concebe o homem como criador das realidades que habita e a uma compreensão do sofrimento emocional como experiência dissociativa. Também se deve considerar que a perspectiva winnicottiana aponta para um estado inicial indiferenciado, entre a mãe e o bebê, configurando um campo pré-subjetivo de experiência (Souza, 2001).

Desse ponto de vista, o ambiente humano, representado pela mãe, sustentaria o acontecer do bebê que, partindo de um incipiente sentido de continuidade de ser, com seus processos maturacionais facilitados pela mãe-ambiente suficientemente bom, pode vir a realizar seu potencial humano, resultando em vivências de continuidade da existência, de um senso de *self*, em autonomia.

Acreditamos que Winnicott, ao afirmar que *não existe um bebê sem uma mãe*<sup>42</sup>, assinala o fundamento da constituição do *self*: o acontecer humano demanda a presença devotada e “preocupada” de outro ser humano. Uma vez que fazemos referência ao par mãe/bebê como modelo de cuidado, devemos sublinhar que não consideramos que a intervenção psicanalítica retenha todas as qualidades desse vínculo especial. O analista, devotado ao cuidado de seu paciente, mantém um relacionamento profissional e especializado, sem ser maternal, no sentido comum do termo, ou considerar seus pacientes como se fossem todos bebês. Sendo a relação analista/paciente ulterior às primeiras

---

<sup>41</sup> "Se nosso objetivo continua a ser verbalizar a conscientização nascente em termos de transferência, então estamos praticando análise; se não, então somos analistas praticando outra coisa que acreditamos ser apropriada para a ocasião. E por que não haveria de ser assim?" (Winnicott, 1962a, p.155).

<sup>42</sup> Em seu artigo de 1952, Winnicott afirma: "*Bebê é uma coisa que não existe. (...) se uma pessoa me mostra um bebê, certamente também me mostrará alguém cuidando do bebê, ou pelo menos um carrinho no qual os olhos e ouvidos de alguém estarão grudados. O que se vê é um 'par lactante-lactente'.*".

experiências que ocorrem entre uma mãe e seu bebê, parece interessante assinalar a distinção entre **holding**, conceito winnicottiano ligado às etapas iniciais do amadurecimento emocional humano, e **sustentação emocional**, que consistiria em intervenção psicanalítica que pressupõe o cuidado devotado que é concretizado a partir da percepção transferencial do analista sobre as condições existenciais do paciente, no momento do encontro inter-humano (Medeiros e Aiello-Vaisberg, 2006).

Partindo dessa diferenciação e concebendo a *sustentação emocional* como a intervenção psicanalítica por excelência, assumimos posição diversa daquela preconizada pela metapsicologia e adotamos outros pressupostos antropológicos e psicopatológicos (Medeiros, 2009).

Disso decorre que há também divergência quanto ao objetivo terapêutico: a prática clínica inferida na metapsicologia está dirigida à decifração dos sentidos ocultos, daquilo que foi recalcado como decorrência do choque entre as pulsões, entre a realidade interna, pulsional, e mundo exterior; já intervenções inspiradas na obra winnicottiana opõem-se a esse caráter “pedagógico”, que ensina sobre sentidos ocultos, para facilitar autoconhecimento, uma vez que o sofrimento emocional de que fala Winnicott, decorrente da dissociação defensiva, requer intervenção distinta.

Winnicott apresenta-nos uma compreensão do sofrimento emocional como decorrente da impossibilidade de realização de gestualidade espontânea, nos diversos momentos da vida humana. Nas palavras de Machado e Aiello-Vaisberg (2003):

Vemos que o tipo de sofrimento humano que mais parece sensibilizar Winnicott decorre exatamente da perda do sentido vivencial, seja como mergulho terrível nas agonias, vale dizer, por condenação à loucura por impossibilidade de estruturação de defesas, ou, no outro extremo, seja pela estruturação de defesas rígidas pautadas na atividade representacional dissociada que, por sua vez, impede uma ação sobre o mundo devido à inibição do potencial criativo,

cuja expressão, por sua vez, é o que dá sentido à vida. (Machado & Aiello-Vaisberg, 2003, p.46).

Trata-se, portanto, de uma visão absolutamente estranha à metapsicológica que, ao compreender o indivíduo como um feixe de pulsões em constante conflito, concebe o contato com a realidade compartilhada como dança descompassada, como submissão adaptativa, forçada pela luta pela sobrevivência. Dessa forma, partindo de assunções discordantes acerca do amadurecimento e do sofrimento emocional, encontramos modos também distintos na proposição dos objetivos terapêuticos.

## As materialidades mediadoras

Outro fundamento a ser detidamente esmiuçado diz respeito à necessidade do uso de materialidades mediadoras na criação dos enquadres transicionais. Como já mencionado, ao configurar um mundo favorecedor da comunicação emocional, o psicanalista vale-se da apresentação de uma materialidade, dotada de amorfia suficiente para permitir que, ao ser manipulada, modifique-se, guardando registros do encontro com o paciente/participante.

Poderíamos considerar o conceito de amorfia proposto por Winnicott<sup>43</sup> e relacioná-lo ao estado de não-integração primária, referente ao estado do *self* potencial do bebê. Ainda de acordo com as proposições winnicottianas, considerando que o *self* é um somatório de experiências (Winnicott, 1962b), compreendemos ser necessário partir de um estado de amorfia, de não-integração, para o estabelecimento do estágio do *eu sou*, do *ser si mesmo*.

Dessa forma, apresentar uma materialidade de relativa ou *suficiente* amorfia possibilita, a partir de um gesto singular, a criação de

---

<sup>43</sup> O conceito de amorfia é definido como “aquilo com que o material se assemelha, antes de ser moldado, cortado, ajeitado e agrupado.” (Winnicott, 1971a, p. 54).

algo que *estava/não estava* lá, ou seja, é a qualidade de amorfia que favorece a *criação/encontro* de vasta gama de objetos a partir das materialidades. Em outras palavras, novamente nos aproximando de Winnicott (1971), é nos mundos transicionais, configurados a partir do uso de materialidades com potencial expressivo, que se pode viver a onipotência.

Pressupõe-se que o material a ser apresentado pelo psicanalista/pesquisador seja dotado de amorfia suficiente para ser usado pelo paciente/participante, para ser amassado, recortado, macerado, perfurado, rasgado, derretido, enfim, que tenha potencial para ser transformado pela pessoa que dele está de posse. Deve ser relativamente amorfo para, ao mesmo tempo, poder guardar a marca da personalidade de quem o manipula, sem desintegrar-se completamente nessa atuação. Podemos notar uma deliberada proximidade dessa característica à do objeto transicional (Winnicott, 1971) que, ao mesmo tempo, deve pertencer ao mundo compartilhado, como objeto concreto, visível, perceptível, mas também poder ser transformado pela gestualidade pessoal daquele que tem sua posse.

Certamente sabemos que cada material guarda um determinado grau de amorfia e lembramos que as possibilidades de manipulação são diferentes de material para material.

O importante, no caso do **estilo clínico 'Ser e Fazer'**, é que as materialidades sejam compreendidas como rabiscos<sup>44</sup> apresentados pelo psicanalista, configurando um modo de estar com o outro que não se confunde com o emprego de técnicas ou atividades ocupacionais ou pedagógicas. Daí decorre o uso do termo "materialidade-rabisco" (Vitali & Aiello-Vaisberg, 2003; Vitali, 2004), fundamento desse estilo clínico que se aplica aos mais variados tipos de materiais: polpa de papel, parafina, flores, linhas, tecidos, tintas, cartas, fotos, entre muitos outros a serem criados/encontrados pelos seus psicanalistas.

---

<sup>44</sup> Trata-se aqui do uso paradigmático do Jogo do Rabisco (Winnicott, 1968a), compreendido como modelo de relação paciente/analista, onde este último participa do encontro com toda sua *engenhosidade*, sua corporeidade, sua presença viva e real.

Nesse panorama, entendemos que a potencialidade mutativa das materialidades mediadoras guarda uma vinculação essencial com a presença concreta do psicanalista/pesquisador. Cada materialidade desponta, portanto, como apresentação de um fragmento do estilo e do mundo do analista, como verdadeiro “rabisco” que inaugura o diálogo e convida à expressão emocional<sup>45</sup>.

Certamente percebemos que as qualidades das materialidades-rabisco interferem no modo como as pessoas vivenciam os mundos transicionais.

Uma oficina de arranjos florais, por exemplo, permite a interação com elementos vivos da natureza, seu colorido, seu perfume, e também com suas limitações. Podemos falar em relativa amorfia das folhagens e das flores perante o arranjo floral, lembrando que este é criação/encontro absolutamente singular, realizado pelo participante da Oficina.

Já um mundo papaleiro é marcado pelo triturar das aparas de papel no liquidificador; experimenta-se a transformação da materialidade de um estado “sólido” para outro “pastoso”: a partir de papéis rasgados, confeccionamos a polpa de papel, uma pasta razoavelmente homogênea e, valendo-se dela, os participantes podem criar/encontrar folhas de papel artesanal, quadros de papel, pinturas e desenhos feitos com a polpa<sup>46</sup>.

Quando conhecemos a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças, uma imagem salta aos olhos: a psicanalista, ao apresentar um quadro magnético com beiral de apoio e ímãs aos participantes,

---

<sup>45</sup> Difere, dessa forma, de concepções que consideram a dimensão hilética (Safrá, s/d), modo de apreensão dos fenômenos que “(...) se refere à materialidade do que existe e que nos transmite seus atributos específicos e universais.” (p.46). Neste panorama, quando em contato com certo material, por exemplo, um granito, os indivíduos vivenciariam uma experiência de estabilidade, não devido a criações simbólicas, mas sim seriam afetados pelos atributos intrínsecos à natureza de sua materialidade (pedra).

<sup>46</sup> O leitor interessado pode encontrar uma explicação detalhada e ilustrada de intervenção em Oficina Psicoterapêutica ‘Ser e Fazer’, cuja materialidade-rabisco apresentada foi a polpa de papel, nos capítulos 01 e 02 da dissertação intitulada: “Ser e Fazer - Arte de Papel: uma oficina inclusiva” (Ambrosio, 2005).

promove a criação de uma experiência aparentada a uma instalação artística, qual uma obra de arte transitória, efêmera, que é montada em um certo ambiente, com o qual mantém relação orgânica, para ser desmontada em tempo relativamente curto, persistindo apenas como lembrança ou por meio de registros fotográficos. Instalações artísticas não se oferecem apenas ao olhar, à audição e ao tato, podendo ser habitadas - também em seu sentido concreto - e manipuladas durante o acontecer.

As cartas, fotos e lembranças, trazidas pelos pacientes, podem ser concebidas como elementos a partir dos quais o grupo chega a uma composição complexa, na qual se entretecem objetos narrativos – porque contam sobre a vida de cada um – dando origem a algo novo, fruto do encontro terapêutico, do momento compartilhado no aqui e agora da sessão. Estamos, portanto, diante de uma proposta terapêutica de criação de uma obra coletiva.

## Os mundos habitados na Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças

Como vimos, a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças realizada por Gil (2010) é uma intervenção psicanalítica, fundamentada no **estilo clínico 'Ser e Fazer'**. Sendo assim, objetiva favorecer cuidado psicológico por meio da sustentação emocional, afirmando-se como clínica não interpretativa. A constelação de um mundo transicional, proporcionada pela apresentação tanto de um convite à expressão dos participantes, quanto do quadro magnético "acolhedor" permite e facilita a ocorrência de experiências mutativas.

Na experiência narrada por Gil (2010), conhecemos a proposta que fez à instituição, de atendimento de um grupo de seis pessoas, sendo um homem e cinco mulheres, com idades entre 65 e 79 anos. A pesquisadora organizou um grupo fechado, com duração previamente estipulada de 16 sessões, conhecida de todos os participantes. Também foram feitas entrevistas individuais, no início e ao final do processo psicoterapêutico, onde pode conhecer os participantes e também aplicados instrumentos psicodiagnósticos, cujos resultados também comporiam sua pesquisa.

As sessões grupais e as entrevistas individuais foram registradas em narrativas, que constituem o material que focalizamos nesta tese. A partir de uma revisitação do material clínico apresentado por Gil (2010), dirigimo-nos às narrativas em estado de atenção flutuante, deixando suspensas teorias e crenças e até mesmo afastando-nos o suficiente de nossas próprias vivências relativas às intervenções em enquadres diferenciados que já realizamos, buscando um estado de liberdade suficiente para podermos ser impactados subjetivamente pelas comunicações ali expressas. Após este contato, psicanaliticamente configurado, com os registros clínicos elaborados por Gil (2010), confeccionamos narrativas transferenciais, que guardam marcas desses nossos encontros com a Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças.



A seguir, apresentamos ao leitor um conjunto de pequenas narrativas transferenciais, elaboradas a partir da revisitação das entrevistas individuais realizadas por Gil (2010). Deste modo, estabelecemos contatos iniciais com os participantes da Oficina.

Angélica locomove-se vagarosamente, sente muitas dores no corpo e, com o passar do tempo, está ficando cada vez mais curvada.

O peso das experiências tristes por que passou durante a vida parece assumir a concretude de uma mochila muito grande, abarrotada de pesados pedregulhos, que ela tem de carregar sempre.

Por quantas perdas passou!

A filha e o genro morreram, o marido morreu, outros dois filhos estão numa situação muito ruim – chego a ficar com frio na barriga, imaginando se estes também morrerão e Angélica terá de enterrá-los também...

Parece entender os acidentes que aconteceram foram causados por algum tipo de negligência. Lembro-me do filme “Matadores de Velhinhas”, onde a trupe que tenta enganar a senhora idosa (dona da casa que um deles alugava para concretizar o roubo) acaba morrendo, um a um, restando apenas a senhora e seu gato.

Não consegui ler a narrativa sobre Bento esquecendo-me da informação que Claudia trouxe linhas antes.

Sabia do final da história, sabia que Bento morreria.

Como deixar essa informação fora do campo? Impossível.

Muitas tentativas, mas sempre a morte de Bento coloria todos os trechos da narrativa.

Bento parecia um "garotão", um senhor idoso que andava de moto.

O "selvagem da motocicleta".

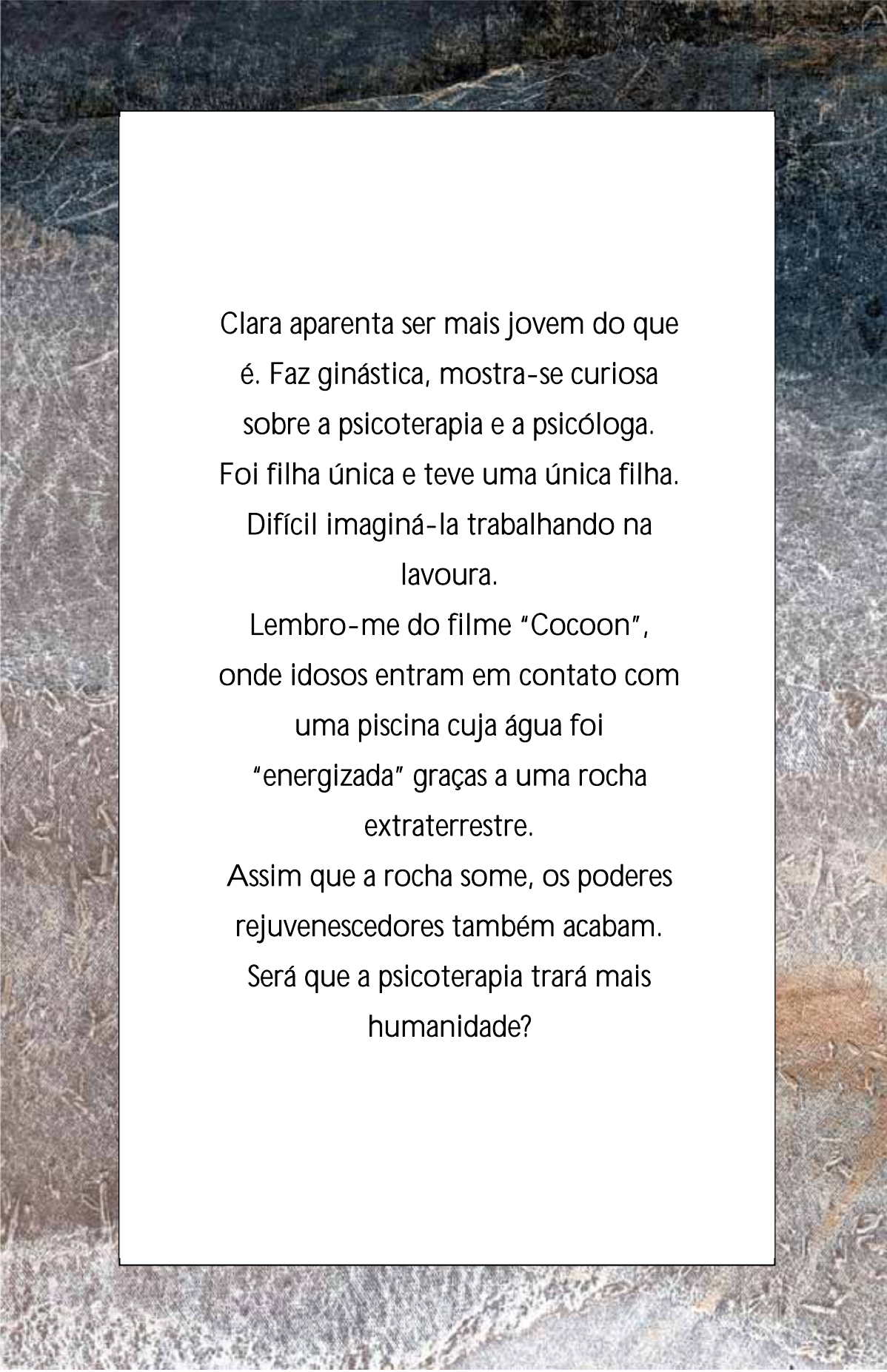
Um idoso garotão que era contido e selvagem.

Pergunto-me se Bento, no momento do encontro com Claudia, também, assim como nós, sabia sobre sua morte iminente.

Bento. Por que batizá-lo com esse nome?

Ele é bento. É bendito. Foi benzido.

Por que Bento morreu? Quando domesticamos um animal selvagem não podemos garantir sua doçura eterna. Culpa por domesticar-se ou uma panela de pressão pronta a explodir?

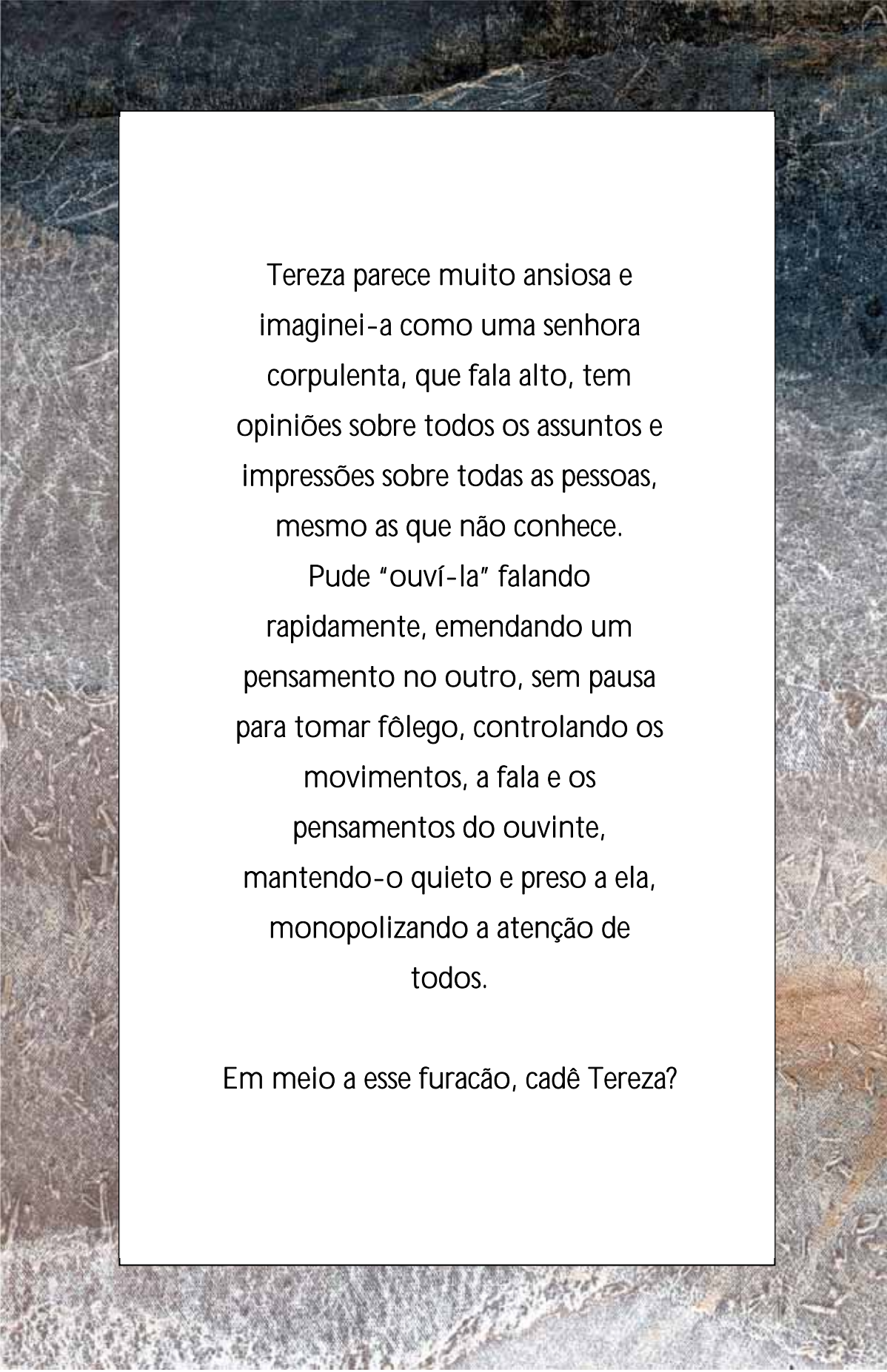


Clara aparenta ser mais jovem do que é. Faz ginástica, mostra-se curiosa sobre a psicoterapia e a psicóloga. Foi filha única e teve uma única filha. Difícil imaginá-la trabalhando na lavoura.

Lembro-me do filme "Cocoon", onde idosos entram em contato com uma piscina cuja água foi "energizada" graças a uma rocha extraterrestre.

Assim que a rocha some, os poderes rejuvenescedores também acabam.

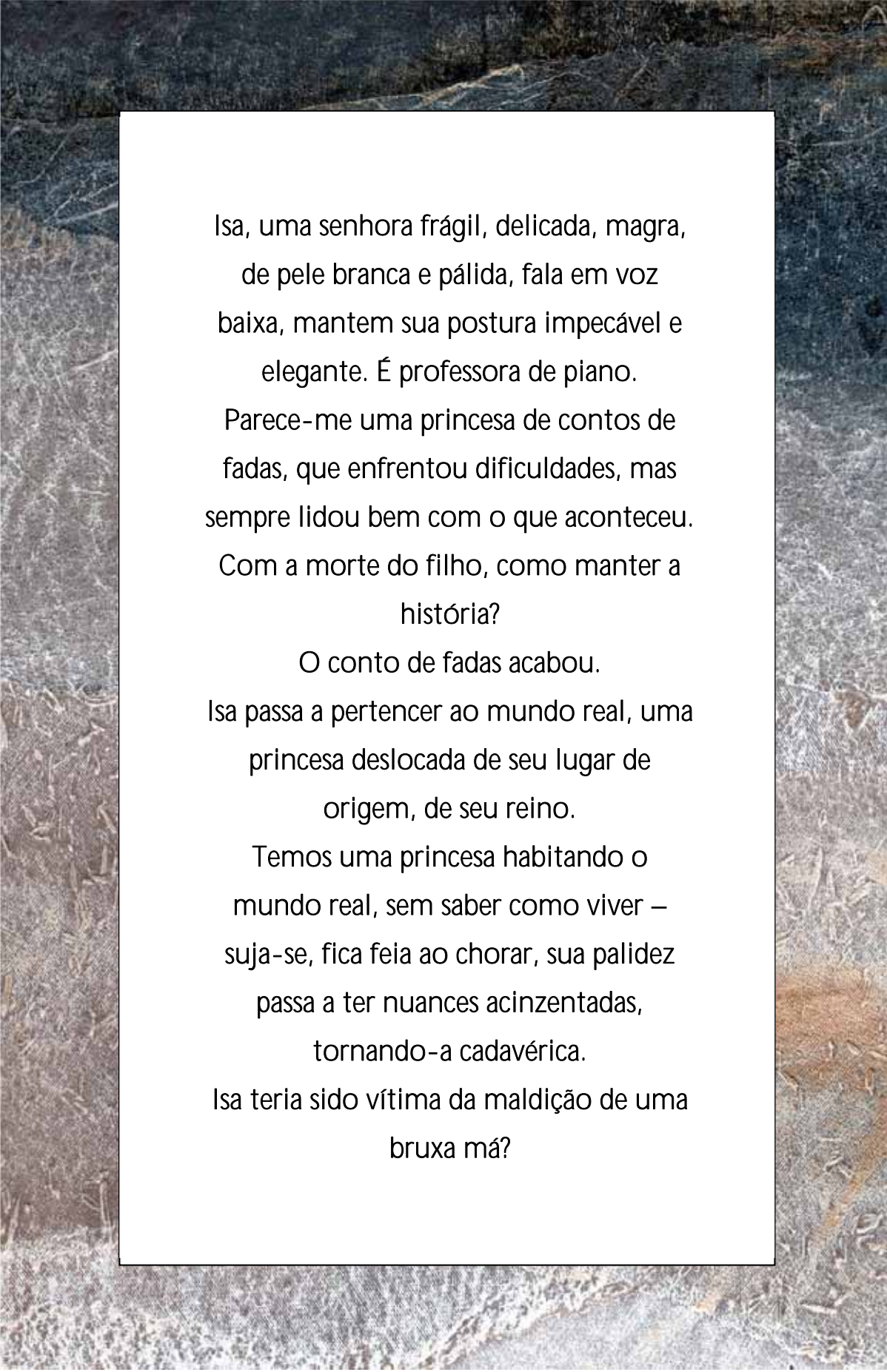
Será que a psicoterapia trará mais humanidade?



Tereza parece muito ansiosa e imaginei-a como uma senhora corpulenta, que fala alto, tem opiniões sobre todos os assuntos e impressões sobre todas as pessoas, mesmo as que não conhece.

Pude "ouví-la" falando rapidamente, emendando um pensamento no outro, sem pausa para tomar fôlego, controlando os movimentos, a fala e os pensamentos do ouvinte, mantendo-o quieto e preso a ela, monopolizando a atenção de todos.

Em meio a esse furacão, cadê Tereza?



Isa, uma senhora frágil, delicada, magra,  
de pele branca e pálida, fala em voz  
baixa, mantém sua postura impecável e  
elegante. É professora de piano.  
Parece-me uma princesa de contos de  
fadas, que enfrentou dificuldades, mas  
sempre lidou bem com o que aconteceu.  
Com a morte do filho, como manter a  
história?

O conto de fadas acabou.  
Isa passa a pertencer ao mundo real, uma  
princesa deslocada de seu lugar de  
origem, de seu reino.

Temos uma princesa habitando o  
mundo real, sem saber como viver –  
suja-se, fica feia ao chorar, sua palidez  
passa a ter nuances acinzentadas,  
tornando-a cadavérica.

Isa teria sido vítima da maldição de uma  
bruxa má?



Lucia foi traída.

Esposa de médico, com uma vida boa, confortável, com um título herdado pelo casamento – “esposa do doutor X” – morando em São Paulo, cidade onde vivem as pessoas bem-sucedidas, cultas, elegantes. Corria tudo muito bem quando foi pega de surpresa pela notícia da existência de uma amante na vida do marido.

O marido, já idoso, resolveu viver esse romance e separou-se dela. Abandonada, precisou mudar-se para o interior, afinal, não tinha posses ou renda, nem tampouco teve o apoio nem das filhas.

Ninguém a incentivou a brigar, ninguém a acolheu. Agora tinha de viver numa cidade pequena, com pessoas tacanhas, sem bons lugares para frequentar.

Lucia vive magoada e ressentida. Também pudera, foi usada e descartada, trocada por uma menina de 20!

Tendo sidos apresentados a Angélica, Bento, Clara, Tereza, Isa e Lucia, passemos agora aos acontecimentos nos encontros grupais.

Continuando em estado de atenção flutuante, registramos nossas impressões acerca do acontecer clínico e das comunicações emocionais expressas em narrativas que assumem a forma do que podemos denominar vinhetas transferenciais, o registro dos caminhos percorridos transferencialmente pela pesquisadora, que culminaram na criação/encontro dos *campos*.

Cada vinheta narrativa recebeu, aqui, um 'título', que faz parte e simultaneamente organiza a apresentação de nossa elaboração transferencial. Os 'títulos', também criados/encontrados, remetem-nos aos conjuntos de regras sustentadoras das condutas, ou seja, aos *campos* habitados durante as sessões

Neste momento, é importante destacar que a compreensão de uma experiência configurada em grupo, segundo o **estilo clínico 'Ser e Fazer'** norteia-se pela consideração das expressões subjetivas individuais, contextualizando-as a partir do novo campo criado. Dessa forma, as comunicações são entendidas, concomitantemente, como individuais e grupais, uma vez que se dão em campo intersubjetivo. Tratando-se da criação/encontro de *campos de sentido afetivo-emocional*, compreendemos que os participantes, sob maior ou menor impacto emocional pessoal, mais ou menos permanentemente, coabitam os campos que destacamos. Sendo assim, as comunicações expressas carregam autoria do grupo, mesmo as que partem da história de um só participante.

Entendemos que o primeiro encontro ficou marcado pelo espanto vivido pelos participantes, quando se depararam com suas próprias percepções. Pareceu ser um encontro surpreendente, onde todos os presentes notaram que, apesar de conviverem, de encontrarem-se em outras atividades, tais como cursos, bailes, com razoável frequência, não se conheciam. Até mesmo os sons das vozes eram novidade.

## 1ª sessão

Conhecendo  
o(s)  
conhecido (s).

Nesta sessão, compartilharam as tristes histórias por que passaram, a solidão, a falta de apoio e carinho, a perda de filhos, todos assuntos muito dolorosos. Parece que os participantes, ao estarem frente a frente com tamanho sofrimento, passaram a contar alguns eventos, como se justificassem, com dolorosas histórias de vida, seus padecimentos emocionais. Ao se disporem a participar de um grupo psicoterapêutico, talvez expressem a esperança de encontrar algum auxílio. Será que a psicoterapia os ajudará?

## 2ª sessão

Estaremos sós  
na hora da morte?  
Quem receberá  
nosso SOS?

Seguindo com os encontros na Oficina, o quadro magnético fica repleto de objetos. Muitas lembranças são trazidas e um ar nostálgico e melancólico parece pairar no ar. Alguns pensamentos são compartilhados e uma teoria surge: qual o valor das experiências passadas? As tristezas e perdas vivenciadas no passado

## 3ª sessão

Tristeza no  
presente.



estão influenciando o momento presente? E as alegrias, também aparecem, coloremos os dias? Parece que o grupo propõe uma alteração interessante para a ideia de avaréza e/ou privação, explicitada pela via da economia financeira: uma vez que passaram a vida economizando no intuito de terem um respaldo caso houvesse alguma eventualidade no futuro, como fica a vida agora? Continuarão a economizar risadas, guardando-as para o futuro, enquanto a tristeza, no presente, vem em abundância?

Devemos guardar dinheiro para eventualidades presentes?

Vivências de humilhação e decepção deram o tom do quarto encontro. Contando sua história, o participante do sexo masculino relaciona a submissão e culpa ao adoecimento físico. Deixar de falar, não fazer o que se gostaria, aparece como a causa de muitos males, origem silenciosa que só se concretizará no futuro, talvez na velhice. Porém essa mesma concepção, criada pelo grupo, encontra antagonismo quando alguém menciona que falar e agir despreocupadamente ou de modo impensado pode trazer desavenças, brigas com os familiares e amigos e culpa, a mesma culpa causadora de doenças. Acontece um impasse: quem faz o que quer, sem pensar nos convivas, pode tanto ter felicidade e boa saúde, quanto decepção, culpa e doenças. Sendo assim, como fazer?

#### 4ª sessão

Quem faz o que quer, gera...  
decepção,  
humilhação,  
traição e doenças.

A cirurgia cardíaca que um participante precisaria fazer havia sido marcada. E se houvesse muitas restrições depois do período de recuperação? Conseguiria realizar as tarefas que gostava ou teria de esquecê-las? Uma participante lembra-se de como se sentiu mal, envergonhada e envelhecida por precisar passar a usar uma bengala. Um pensamento coletivo parece gritar: 'Ah, essas doenças e suas consequências!' Porém um movimento novo acontece. A dona da bengala fez questão em continuar sua história e revelou que aquilo que antes era vivido como um estorvo, sinal de declínio, ajudou-a a sentir menos dores nos joelhos. Com o conforto, não se preocupa mais com a opinião dos outros. A bengala, sinal da entrada na velhice, traz melhoria na qualidade de vida... E os segredos, caso não revelados, acabam por ser cirurgicamente expostos... A cirurgia é uma forma de arrumar algo em desarmonia ou concretiza a ruína?

## 5ª sessão

As dores da idade são melhores que as dores da juventude.

Falar ou morte!

Não é possível trazer objetos. Em respeito ao colega recém-falecido todas as participantes prantearam as mortes que aconteceram em suas vidas. Essas ausências fizeram-se presentes, incomodaram os vivos, parecem presenças que, aos berros, exigem seus lugares no grupo.

## 6ª sessão

Estar e não estar – a ausência que grita. Impotência frente à morte. Impotência frente à vida.

Há poucos objetos no quadro e muito espaço em branco. A Oficina realmente continuou, apesar do falecimento do colega. É possível continuar vivendo mesmo com tantos dissabores? É certo comemorar quando alguém está enlutado? Há um pastor na igreja que quer invadir a casa de uma participante! Mas que Deus é esse que dá a vida e depois despeja? A resolução está em lutar, para reivindicar o direito à vida.

## 7ª sessão

Que Deus é esse  
que quer tomar a  
minha casa?  
Comemorar, apesar  
da morte.

E o Natal aproxima-se. Época cansativa de festejos. É necessário ser feliz, ter amigos secretos, comemorar. Época triste para quem perdeu alguém. Quem sabe, mesmo cansadas e desanimadas, as participantes consigam, verdadeiramente, se divertir? Seria um presente e tanto: um milagre de Natal!

## 8ª sessão

Final do ano ou  
final da vida?  
Isa tocará piano?

Estavam de volta. Sobreviveram ao Natal e o novo ano começou. Voltaram às rotinas, aos problemas, mas com entusiasmo. Novamente a figura do pastor ronda a casa da participante. Se ela sair, para viajar ou cuidar do filho, não terá casa para onde retornar. É necessário muito esforço e dedicação para manter os laços familiares, mas não se tem garantia. Às vezes, faz-se muito e recebe-se muito pouco.

## 9ª sessão

O importante é que  
estamos de volta  
vivas.  
Cuidar do outro é  
não cuidar de si.  
Cuidar do outro é  
aproximar-se da  
morte.

As alegrias estão na Oficina, presentes nos objetos, nas fotografias, no acolhimento vivenciado na conversa com a irmã, nos artesanatos que revelam belezas até então ocultas. O quadro magnético, repleto de peças, é visto como um mosaico – fica bonito e tem sentido quando se consegue visualizar os pedacinhos unidos. Há surpresa com as possibilidades.

## 10ª sessão

Os pedacinhos estão unidos?

Momento de conversar sobre posses – “minha boneca”, “meu marido”, “minha filha”. Uma certidão de nascimento é trazida. Nela consta o nome da cidade natal de uma participante. Os bons relacionamentos são narrados, as saudades felizes aparecem. Um parente, infelizmente já falecido, é lembrado com carinho e reconhecido como uma pessoa sustentadora.

## 11ª sessão

Eu vim de lá.

É chegado o momento! Uma barreira é derrubada e “o” assunto pode ser conversado no grupo. Esse tema secreto e constrangedor poderá ser recebido por outras pessoas ou é um assunto para tratar somente com psicólogos?

## 12ª sessão

Meus pais não me quiseram. Mas isso é segredo! Nem mesmo eles sabem!

Contar o segredo trouxe alívio. E a participante trouxe lindas frutas para as colegas. Há um debate na Oficina: como ficar tranquila se não há controle sobre a vida? E a alegria que se tem vivenciado, pode ser negada? Como lidar com as aparentes contradições – doença e vida, proximidade e distância da família, liberdade e medo, gratidão e obrigação?

### 13ª sessão

O futuro a Deus pertence.

A Oficina enche-se de amigos antigos. Uma aproximação de colegas dos cursos para terceira idade, frequentados pelas participantes, é considerada. Uma conhecida em comum participa de concurso de Miss Terceira Idade todos os anos. É possível voltar a namorar? Como é bom recordar os bons momentos!

### 14ª sessão

Retribuição e reconhecimento

Já está na hora de realizar o sonho de viajar à Europa, conhecer o local de origem da família. Agora também é possível ajudar os filhos e netos porque não serão tolerados abusos! A boa nova: o pastor da igreja irá mudar-se para outro local!

### 15ª sessão

As coisas estão mais calmas. Talvez agora eu possa voltar para casa.

É dia de festa! De aproveitar o último encontro, folheando o álbum de fotos do grupo. Este é o objeto da sessão - juntamente com salgadinhos e refrigerantes! Um novo grupo é formado: o das amigas para a vida inteira!

### 16ª sessão

Para a vida toda: uma outra vida.

As vinhetas apresentadas foram confeccionadas seguindo as proposições de Aiello-Vaisberg e Machado (2005), que visam a geração de comunicações clínicas maximamente próximas à experiência. Adotando, portanto, uma postura fenomenológica e valendo-nos do método psicanalítico, produzimos conhecimento científico passível de ser comunicado à comunidade acadêmica. A essa possibilidade de registro de material clínico dá-se o nome de narrativa transferencial (Aiello-Vaisberg *et al*, 2009; Ambrosio, Cia & Aiello-Vaisberg, 2010).

Considerando que as transformações emocionais que nos interessam não são investigadas pela via discursiva, buscamos localizar nos elementos organizadores dos campos de sentido, vale dizer, ideias, sentimentos, crenças, valores e pensamentos, indícios de experiências mutativas.

A partir das narrativas, podemos criar/encontrar os *campos de sentido afetivo-emocional*, os conjuntos de regras sustentadoras das condutas presentes nos atendimentos da Oficina de Cartas, Fotografias e Lembranças.

Essas produções interpretativas de sentidos possíveis permitem-nos considerar a presença de um movimento experiencial dos participantes do grupo, partindo de comunicações de desesperança, desânimo, abandono e solidão, para um posicionamento de maior autonomia e vigor perante a vida, posicionamento que inclui uma percepção integrada das contradições da realidade humana.

Inicialmente, ao notarmos nas duas primeiras sessões a comunicação de vivências de solidão, acompanhadas de sentimentos de desamparo, presumimos que um questionamento sobre a natureza humana poderia estar em marcha, como se os participantes se perguntassem mentalmente:

*'Seria a solidão inerente aos seres humanos?*

*Todos nós estaríamos fadados a vivenciá-la ou há alguma alternativa? Caso a solidão não seja um estado natural e, portanto, imutável, a quem recorrer?*

*Quem poderia ser o acompanhante da nossa viagem pela vida?'*

Curiosa, mas não acidentalmente, essa interrogação aparece no início dos trabalhos, quando tudo, psicoterapeuta, colegas do grupo, objetivo da proposta, estavam sendo conhecidos.

A partir da terceira sessão, outro movimento entra em marcha, mas guardando estreitas ressonâncias com a primeira expressão. São examinadas diversas formas de ação, alternativas à angustiante vivência de isolamento:

*O que fazer? Falar sobre os problemas, interagir com os que estão mais próximos, pedir ajuda claramente ou guardar os sentimentos e dificuldades?*

*Existindo a possibilidade de compartilhar, a solidão passaria a ser um estado, transitório, não mais a característica principal da essência humana...*

Compreendemos que são experimentadas uma série de configurações no intuito de preencher o lugar do acompanhante: familiares, pais, Deus. Entretanto, permanece um temor sobre quais as consequências que decorreriam da expressão singular e verdadeira, da presença viva no mundo:

*A concretização da singularidade poderia levar à destruição?  
Sair de casa para divertir-se poderia resultar na perda da casa...*

Na metade final do processo psicoterapêutico, após a volta do recesso para os festejos de final de ano, os participantes parecem vivenciar diferentes possibilidades de existir no mundo, ora alegrando-se com a lembrança das experiências passadas, mesmo sofridas e cheias de perdas, apossando-se de suas histórias, ora imaginando novas possibilidades de relacionamentos futuros, criados a partir das bagagens pessoais.

Pudemos observar um verdadeiro trânsito desde "regiões" em que o viver era experimentado como um aprisionamento solitário, passando

por outras “regiões”, onde a solidão era vivenciada no presente, deixando, contudo, de ser vivenciada como traço essencial da existência: emergiram, assim, lembranças de momentos do passado em que o cuidado e acolhimento de fato aconteceram. Finalmente, já de posse de capacidade gestual vivenciada, foi possível habitar uma região em que os laços afetivos acontecem no presente e onde o gesto pessoal pode se dar e por vezes ser acolhido.

Encontramo-nos, neste momento de reflexão sobre os campos de sentido, especialmente, em interlocução com o pensamento winnicottiano, obra com a qual temos afinidade. Entretanto, é importante ressaltar que não são necessárias adesões escolásticas a nenhum tipo de conceituação para poder fazer uso do *Procedimento ‘Ser e Fazer’ de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*. Uma vez que é o método psicanalítico que tem primazia sobre as teorias e técnicas, toda vez que o empregamos devemos conservar um posicionamento de máxima proximidade ao acontecer inter-humano, mantendo-nos atentamente livres para criarmos/encontrarmos os sentidos possíveis. Dessa forma, as teorias psicanalíticas podem auxiliar-nos na compreensão, por exemplo, do sentido do movimento emocional, mas não presidem a produção interpretativa do material.

Acompanhadas, pois, da compreensão psicanalítica acerca do sofrimento emocional, compreendemos que o mundo transicional instaurado permitiu que superações de dissociações acontecessem, favorecendo a vivência de reposicionamentos existenciais, e, em decorrência, possibilitando a gestualidade espontânea.



Considerações Finais

Compondo campo científico que objetiva investigar a eficácia clínica de psicoterapias psicanalíticas, a tese que ora apresentamos parte da afirmação da necessidade de comunicação transparente com a comunidade acadêmica e com a sociedade em geral acerca dos benefícios que as psicoterapias podem - ou não – acarretar.

O exame da literatura científica permitiu que problematizássemos a escolha das estratégias metodológicas utilizadas na realização de tais estudos, apontando, principalmente, para a existência de importante disparidade entre a natureza dos fenômenos abordados e a natureza epistemológica dos procedimentos empregados nas pesquisas.

Apresentamos como alternativa uma metodologia específica com potencial heurístico: o uso do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*, procedimento metodológico que, dada sua natureza, permite-nos a produção de conhecimento compreensivo sobre as vivências emocionais.

Afirmamos que o Procedimento ora apresentado é estratégia investigativa valorosa, também porque proporciona a compreensão de momentos distintos de uma psicoterapia, ou movimentos emocionais durante uma única consulta psicológica, podendo ser empregado por pesquisadores/psicanalistas que participaram ou não dos encontros clínicos, em processos terminados ou em andamento. Lembramos aqui, por oportuno, que quando o pesquisador participou diretamente do acontecer clínico, estabeleceu, integrou, forçosamente, o campo transferencial, mas que, por outro lado, quando lidamos com material oriundo de atendimentos realizados por terceiros, não deixamos de vivenciar impactos contratransferenciais.

Valendo-nos do exame de material clínico publicado, escolhido graças à sua clareza metodológica e ao estilo clínico que adota, demonstramos o uso do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*.

Evidenciamos que tal Procedimento delinea-se a partir da realização de duas tarefas, a saber:

1) a produção interpretativa de *campos de sentido afetivo-emocional*, que têm caráter transferencial, devendo ser buscados no acontecer clínico ou, mais precisamente, na intersubjetividade transferencial que nele se constela e

2) uma apreciação da sucessão dos campos, segundo as perspectivas teóricas com as quais o pesquisador/psicoterapeuta dialoga, pois este Procedimento, pautando-se diretamente no método psicanalítico, não exige adesão teórica particular. Esse segundo momento, de averiguação de existência de trânsito entre campos é por nós considerado o norteador de demonstração de mudanças em psicoterapias.

Por fim, esperamos, com a apresentação do *Procedimento 'Ser e Fazer' de Acompanhamento de Intervenções Psicoterapêuticas*, contribuir para o delineamento metodológico de pesquisas psicanalíticas e para o incremento da discussão acerca dos benefícios clínicos que as psicoterapias psicanalíticas podem gerar.

## Referências

- AGOSTINHO, M.L. (2003) *O Porco-Espinho, o Menino do Furacão e outras Histórias: Quadros de uma Exposição Psicanalítica*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. cf. TSU, T.M.J.A. (1986) *Busca de internação em hospital psiquiátrico: análise do discurso dos acompanhantes*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (1995). O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP*, 6 (2), 103-127.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (1997) Projeto de Oficina Terapêutica de Reciclagem de Papel e Criatividade. In Aiello-Vaisberg T.; Ambrosio F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Passagens e Adolescências*. São Paulo, 2012, (no prelo).
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (1999a) Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. *Tese de Livre Docência*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (1999b) Arteterapia para crianças. *Pediatria Moderna*, v. 35, n. 8.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2001a) Marionetes em consultas terapêuticas: a teoria dos campos na fundamentação de enquadres transicionais. In Barone, L.M.C. (coord.) *O psicanalista: hoje e amanhã – O II encontro psicanalítico da teoria dos campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. P. 203-222.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2001b) O Ser e o Fazer na Clínica. In: *Anais do V Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica – A Clínica em Psicoterapia Psicanalítica*. Departamento de Psicologia Clínica, IPUSP, São Paulo, 2001, p. 82-91.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2002) Sofrimento humano e práticas clínicas diferenciadas. In: Aiello-Vaisberg T.; Ambrosio F.F. (orgs.). *Trajetos do sofrimento: desenraizamento e exclusão*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002. p. 06-14.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2003a). Da Questão do Método à Busca do Rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 36-43.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2003b) Ser e Fazer: Intervenção e interpretação na clínica winnicottiana. *Psicologia - USP*, 14 (1), p.95-128, 2003.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2004a). *Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2004b) Os enquadres clínicos diferenciados e a personalização/realização transicional. In, Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.) *Cadernos Ser e Fazer: O Brincar*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004. p. 6-17.

- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2005) Consultas Terapêuticas Coletivas e Abordagem Psicanalítica do Imaginário Social. In: Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005. p. 27-44.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2007) Évaluatins dês Effets de L´Art-Thérapie Winnicottiene. In Forrestier, R. *Lévaluation en Art-Thérapie – Pratiques Internationales*. Issy-Les Molineaux, Ed. Elsevier Masson, 2007.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2011) O Uso de Materialidades Mediadoras na Psicoterapia de Grupo Winnicottiana: A Proposta "Ser e Fazer". In Terzis, A.; Zago, M.C.; Donnamaria, C.P.; Moretto, C.C. (orgs.) *Anais do XIV Simpósio CEFAS - Vínculos na Pós-Modernidade e Intervenções Clínicas: Grupos, casal, família e instituições*. CEFAS: Campinas, SP, 2011. p. 219-227.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; AMBROSIO, F.F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais. Em Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Imaginários coletivos como mundos transicionais*. São Paulo, SP: Cadernos Ser e Fazer, 2006. p. 05-08.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. O Mundo Transicional Papeleiro da Oficina Arte de Papel: Um Enquadre Diferenciado na Artepsicoterapia. In: V Jornada APOIAR, 2007, São Paulo. Anais da V Jornada APOIAR. São Paulo: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social. IPUSP, 2007. p. 420-424.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. (2009a) O Estilo Clínico Ser e Fazer como Experiência Brincante. In Ferreira, A. M. (org.) *A Presença de Winnicott no Viver Criativo: Diversidade e Interlocução*. São Paulo: Ed. ZY., 2009. pp. 174-180.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. (2009b) Jardins, Varandas e Quintais: integração, não-integração e transicionalidade. In Ferreira, A. M. (org.) *A Presença de Winnicott no Viver Criativo: Diversidade e Interlocução*. São Paulo: Ed. ZY, 2009. pp. 144-149.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. Os Desenhos de Catarina: iluminando a compreensão psicanalítica sobre o brincar. In: Wechsler, S. & Nakano, T.. (Org.). *O Desenho Infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional*. 1ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, v. 1, p. 233-242.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F.; CORRÊA, Y. B. Lalinha Trabalhando no Fórum. Boletim do Curso de Psicoterapia Breve do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, v. 1, p. 6-7, 2006.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; CIA, W. C.; AMBROSIO, F. F. Um Trabalho Clínico Social: A Oficina de Histórias, Fotos e Lembranças da Ser e Fazer. In: V Jornada APOIAR, 2007, São Paulo. Anais da V Jornada APOIAR. São Paulo: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social - IPUSP, 2007. p. 432-434.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J., CORRÊA, Y.B.; AMBROSIO, F.F. (2000). *Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa*

- e na clínica winnicottiana*. In Anais do IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro, RJ. p. 331-341.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F.; FERREIRA, J. C. Consultorias Psicoterapêuticas Ser e Fazer: A Artepsicoterapia no Cuidado a Profissionais e Equipes de Trabalho. In: V Jornada APOIAR, 2007, São Paulo. Anais da V Jornada APOIAR. São Paulo: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social IPUSP, 2007. p. 425-427.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F.; FERREIRA, J. C.; CORRÊA, Y. B. Arteterapia Winnicottiana no Cuidado a Profissionais de Saúde Mental. In: Conrado Ramos; Ghislaine Glosce Silva; Soraya Souza. (Orgs.). Práticas Psicológicas em Instituições: uma reflexão sobre os Serviços-Escola. 1ed. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda., 2006, v. 1, p. 356-365.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F.; MINHOTO, M. O imaginário de adolescentes sobre o alcoolismo: um estudo psicanalítico com o procedimento de desenhos-estórias com tema. Encontro (Santo André), v. 11, p. 193-205, 2007.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (1996). Transicionalidade e ensino de psicopatologia: pensando "aulas práticas" com Winnicott. Em Catafesta, I.F.M. (org.). *O verdadeiro e o falso: a tradição independente na Psicanálise contemporânea*. São Paulo, SP: Instituto de Psicologia da USP.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (2003) Sofrimento Humano e Estudo da "Eficácia Terapêutica" de Enquadres Clínicos Diferenciados. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 06-35.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (2005). Narrativas: o Gesto do Sonhador Brincante. In: Trabalhos do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise, 2005.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. (2008) Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In: Monzani, J.; Monzani, L.R.. (orgs.) *Olhar: Fabio Herrmann - uma viagem psicanalítica*. São Carlos: Ed. Pedro e Joao Ediores/CECH - UFSCar, 2008, p. 311-324.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AMBROSIO, F. F. Ser e Fazer: arteterapia de inspiração winnicottiana como clínica da materialidade e do gesto. In: A Psicanálise no Século XXI: Um Momento de Reflexão, 2002, São Paulo. A Psicanálise no Século XXI: Um momento de reflexão. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002. v. 01. p. 11-11.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AMBROSIO, F. F. (2003) A Alma, o Olho e a Mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In Aiello-Vaisberg, T. e Ambrosio, F.F. (orgs.) *Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (Re) Criações de Sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 6-16.

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AMBROSIO, F. F. O Aluno Desmotivado como Desafio ao Educador Físico. In: Mauro Vaisberg; Marco Túlio de Mello. (orgs.). Exercícios na Saúde e na Doença. 1ed. Barueri: Editora Manole Ltda., 2010, v. 1, p. 07-12.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEUANE, D.. Les récits transféranciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique IN BEAUNE, D. *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. Paris: L'Harmattan, 2009, p. 39-52.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MICELLI-BAPTISTA, A.; AMBROSIO, F. F.; CORRÊA, Y. B. Ludovico, Cambalhota, Casquinha, Dedé, Jorginho e Rafael: Criando/Encontrando na Clínica Winnicottiana. In: XIII Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de Donald Winnicott, 2004, Porto Alegre. Anais do XIII Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de Donald Winnicott, 2004. p. 671-674.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MICELLI-BAPTISTA, A.; AMBROSIO, F. F.; CORRÊA, Y. B. Casquinha, Ludovico e Cambalhota: Era Uma Vez na Clínica Winnicottiana. In: V Jornada APOIAR, 2007, São Paulo. Anais da V Jornada APOIAR. São Paulo: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social IPUSP, 2007. p. 428-431.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MINHOTO, M.; GUERRA, S.; AMBROSIO, F. F. Defesa e Acusação: Representações Sociais de Estudantes de Direito sobre o Doente Mental. In: 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1996. Anais da 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1996. p. D9.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MINHOTO, M.; GUERRA, S.; AMBROSIO, F. F. Representação Social de Vestibulandos Acerca da Doença Mental. In: III Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, 1995, Guarujá. Anais do III Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, 1995.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; TARDIVO, L.S.L.P.C.; FONSECA, A.R. (2002). Nature and sports or violence and drugs? Social Representation of Youth by Civilized Brazilian Indians. In: XVII International Congress of Rorschach & Projective Methods, 2002, Roma. Abstracts Book of the XVII International Congress of Rorschach & Projective Methods, 2002. v. 1. p. 206.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; VITALI, L. M.; GIORGIO, S.; AMBROSIO, F. F. Art-Thérapie, Clinique Winnicottienne et Troubles Neurologiques Sévères. *Bulletin de Psychologie*, Paris, v. 56, n.6, p. 791-795, 2003.
- AMBROSIO, F.F. (2005) *Ser e Fazer - Arte de Papel: uma oficina inclusiva*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Fazendo papéis: uma proposta de oficina terapêutica. In: 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia: Psicologia e Compromisso Social, 2000, São Paulo. Anais da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia: Psicologia e Compromisso Social, 2000.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2002a). A Materialidade na Oficina Psicoterapêutica Arte de Papel. In: Aiello-Vaisberg, T.M.J.;



- Ambrosio, F.F.. (org.). *Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão*. 01ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002, v. 01, p. 76-79.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2002b). Ser e Fazer: o uso da polpa de papel em arteterapia winnicottiana. In: *A Psicanálise no Século XXI: Um Momento de Reflexão*, 2002, São Paulo. *A Psicanálise no Século XXI: Um momento de reflexão*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002. v. 01. p. 23.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2003a). Holding e Criatividade: Aspectos Destacados da Narrativa de uma Experiência Psicanalítica. In: Vaisberg, T.M.J.A.; Ambrosio, F.F. (orgs.). *Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (re)Criações de Sentido*. 01ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003, v. 01, p. 105-113.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2003b). El uso de cuadros de papel como procedimiento expresivo-proyectivo. In: *XII Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Tecnicas Proyectivas*, 2003, Montevideo. *Transformaciones en la Subjetividad: Retos a la Psicología y sus Instrumentos*. Montevideo: Asociacion Latinoamericana de Rorschach, 2003. v. 01. p. 547-551.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O ser e o fazer na clínica winnicottiana. *Mudanças (São Bernardo do Campo)*, São Bernardo do Campo, v. 13, n.2, p. 343-363, 2005.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2006a) *Artepsicoterapia Ser e Fazer: Intervenção Psicanalítica em Enquadres Diferenciados*. In: VII Simpósio CEFAS: *Psicanálise e Intervenções Sociais e Pré-Congresso da FLAPAG*, 2006, Campinas. *Anais do VII Simpósio CEFAS e Pré-Congresso Internacional da FLAPAG*. Campinas: CEFAS, 2006. p. 53-58.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2006b). Ser e Fazer na Arte de Papel: artepsicoterapia na clínica winnicottiana. In: *I Simpósio Internacional de Pesquisa em Psicoterapia*, 2006, Campinas. *I Simpósio Internacional de Pesquisa em Psicoterapia - Trabalhos e Resumos*. Campinas: PUC Campinas, 2006. p. 176-183.
- AMBROSIO, F.F.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Winnicott e o Homem Brincante. In: *XII Colóquio Winnicott: Winnicott na História da Psicanálise*, 2007, São Paulo. *Programa e Caderno de Resumos do XII Colóquio Winnicott: Winnicott na História da Psicanálise*, São Paulo, 2007. p. 24-25.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. As Materialidades-Rabisco da 'Ser e Fazer'. In: *XIII Colóquio Winnicott. Os casos clínicos de Winnicott*, 2008, São Paulo. *Programa e Caderno de resumos do XIII Colóquio Winnicott. Os casos clínicos de Winnicott*. São Paulo: Leopoldo Fulgencio, 2008. p. 31-32.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2009a). O estilo clínico ser e fazer como proposta para o cuidado emocional de indivíduos e coletivos. *Revista da SPAGESP*, v. 10, p. 39-44, 2009.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2009b). O Estilo Clínico 'Ser e Fazer' como Experiência Brincante. In: Afrânio de Matos Ferreira; Irmgard Birmoser de Matos Ferreira; Maria Helena Badra Maaz; Sandra Tschirner.

- (orgs.). A Presença de Winnicott no Viver Criativo: diversidade e interlocução. 1ed. São Paulo: Editora ZY Ltda., 2009, v. 1, p. 174-180.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2009c). Atenção Psicológica Clínica: os enquadres 'Ser e Fazer'. In: VII Jornada APOIAR - Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica, 2009, São Paulo. Anais da VII Jornada APOIAR - Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica. São Paulo: IPUSP, 2009. v. 1. p. 83-90.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O Adolescente no Cinema Brasileiro Atual: estudo psicanalítico sobre o imaginário coletivo. In: IX Jornada APOIAR, 2011, São Paulo. Anais da IX Jornada APOIAR. São Paulo: IPUSP, 2011. v. 01. p. 176-186.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; FERREIRA, J. C.; CORRÊA, Y. B. Arteterapia Winnicottiana no Cuidado Emocional a Profissionais de Saúde Mental. In: 13o Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo, 2005, São José dos Campos. 13o Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo: Práticas Psicológicas em Instituições: Programa e Resumos. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda., 2005. v. 01. p. 115-115.
- AMBROSIO, F. F.; CIA, W. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O Acidente de Flic: a apresentação do acontecer clínico como narrativa brincante. In: VIII Jornada APOIAR - Promoção de Vida e Vulnerabilidade Social na América Latina: reflexões e propostas, 2010, São Paulo. Anais da VIII Jornada APOIAR - Promoção de Vida e Vulnerabilidade Social na América Latina: reflexões e propostas. São Paulo: IPUSP, 2010. v. 01. p. 263-272.
- AMBROSIO, F. F.; FERNANDES, R. A; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Os Fundamentos do Estilo Clínico 'Ser e Fazer'. In: X Jornada APOIAR, 2012, São Paulo. Anais da X Jornada APOIAR. São Paulo: IPUSP, 2012. v. 1. p. 272-279.
- AMBROSIO, F. F.; FIALHO, A. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O Imaginário Coletivo de Estudantes de Educação Física sobre Vida Saudável. In: VIII Jornada APOIAR, 2010, São Paulo. Anais da VIII Jornada APOIAR. São Paulo: IPUSP, 2010. v. 01. p. 281-291.
- AMBROSIO, F. F.; MANNA, R. E. ; CIA, W. C. Vivência Ser e Fazer: Experiência com Arranjos de Flores no Estilo Clínico Ser e Fazer. In: I Jornada do Espaço Potencial Winnicott, 2007, São Paulo. Anais da I Jornada do Espaço Potencial Winnicott "Diversidade e Interlocução". São Paulo: Espaço Potencial Winnicott, 2007. p. 17-18.
- AMBROSIO, F. F.; PONTES, M. L. S.; CABRERA, J. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2006a). Como o psicanalista pode contribuir no processo de adoção - reflexões sobre a investigação do imaginário de um grupo de professoras sobre uma criança adotada. In: Aiello-Vaisberg, t.; Ambrosio, F. F. (Orgs.). Cadernos Ser e Fazer: Imaginários Coletivos como Mundos Transicionais. 01ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006, v. 01, p. 46-60.
- AMBROSIO, F. F.; PONTES, M. L. S.; CABRERA, J. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2006b). Adoção e Exclusão: reflexões à luz da psicanálise winnicottiana

- do self. In: XI Colóquio Winnicott: Criatividade e Experiência Cultural, 2006, São Paulo. Programa e Caderno de Resumos do XI Colóquio Winnicott: Criatividade e Experiência Cultural. São Paulo, 2006. p. 21-21.
- ATWOOD, G.E.; STOLOROW, R.D.; ORANGE, D.M. The Madness and Genius of Post-Cartesian Philosophy: A Distant Mirror. *Psychoanalytic Review*, 98(3), June 2011.
- BLEGER, J. (1958) *Psicoanalysis y materialismo dialético*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988.
- BLEGER, J. (1963) *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Paidós, 1977.
- BLEGER, J. (1964) A entevista psicológica – seu emprego no diagnóstico e na investigação. In Bleger, J. *Temas de Psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 07-41.
- BLEGER, J. (1966) *Psicohigiene y Psicologia Institucional*. Buenos Aires, Paidós, 1966. (1ª ed.)
- BLEGER, J. (1968) Psicoanálisis del Encuadre Psicoanalítico. In Bleger, J. *Simbiosis y Ambegüedad*. Buenos Aires, Paidós, 1975. p. 237-250. (3ª ed.).
- CAMPS, C. I. C. M. (2003) *A Hora do Beijo: Teatro Espontâneo com Adolescentes numa Perspectiva Winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAMPS, C. (2009) *Ser e Fazer na Escolha Profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CIA, W. C.; AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Um Trabalho Clínico-Social: a Oficina de Histórias, Fotos e Lembranças da Ser e Fazer. In: I Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia do Laboratório de Psicologia Clínica Social, 2007, Campinas. I Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia do Laboratório de Psicologia Clínica Social. Campinas: PUC Campinas, 2007. p. 113-124.
- CORBETT, E. (2009) *"Até que a morte nos separe" e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- CURTIS, R. C. (2012) New Experiences and Meanings: A model of Change for Psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 2012, vol.29, nº 1, 81-98, DOI 10.1037/a0025086.
- DINIZ NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Eficácia psicoterapêutica: terapia de família e o efeito "Dodô". *Estudos de Psicologia*, 2005, 10(3), 335-361.
- DEVEREUX, G. De l'angoisse a la methode dans les sciences du comportement. Paris: Flammarion, 2012.
- ENÉAS, M. L. E. (2007). Pesquisas em psicoterapia: sessões especiais de periódico (1995 a 2005). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 333-340.
- ENÉAS, M. L. E. (2008) Pesquisas em Psicoterapia: Seções Especiais de Periódico (1981 a 1994). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2008, Vol.24, n.1, p. 111-116.

- ETCHEGOYEN, R.H. (1987) Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas
- FERNANDES, R. A.; AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares. In: X Jornada APOIAR, 2012, São Paulo. Anais da X Jornada APOIAR. São Paulo: IPUSP, 2012. v. 1. p. 306-314.
- FERREIRA, J.C. (2004) *Encontrando a Mulher: a Psicanálise do Self na Abordagem de um Singular Plural*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FREUD (1900) A Interpretação dos Sonhos. Volumes IV e V. Obras Completas, Imago, Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (1910) As perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. Volume XI, p. 123-136. Obras Completas, Imago, Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (1919) Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. Volume XVII, p. 217-224. Obras Completas, Imago, Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia – (A) Psicanálise. Volume XVIII, p. 283-307. Obras Completas, Imago, Rio de Janeiro.
- FULGENCIO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza Humana* 5(1): 129-173, jan-jun. 2003
- FULGENCIO, L. *O Método Especulativo Em Freud*. São Paulo: EDUC, 2008. 490p.
- GALLO-BELLUZZO, S. R. (2011) *O imaginário de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico*. Tese de Doutorado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- GIL, C. A. (2005). *Envelhecimento e Depressão: da perspectiva psicodiagnóstica ao encontro terapêutico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GIL, C. A. (2010). *Recordação e Transicionalidade: a oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção grupal com idosos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GIL, C. A.; TURNA, J. W. T.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; TARDIVO, L. S. L. P. C. (2008). Oficina psicoterapêutica de cartas, fotografias e lembranças: desafios e esperança no contexto do hospital psiquiátrico. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo; Claudia Aranha Gil. (Orgs.). Apoiar: Novas Propostas em Psicologia Clínica. São Paulo: Sarvier, 2008, p. 347-353.
- GIORGI, S. (2003) *Um Lugar a partir do qual olhar: Viagem através da Dependência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GRANATO, T. M. M. (2000) *Encontros Terapêuticos: a Preocupação Materna Primária à Luz do Pensamento de Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GRANATO, T. M. M. (2004) *Tecendo a Clínica Winnicottiana da Maternidade em Narrativas Psicanalíticas*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. (1994) *Relações objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HAUCK, S.; CRESTANA, T.; MOMBACH, C. K.; ALMEIDA, E. A.; EIZIRIK, C. L. Pesquisa em psicanálise e psicoterapia psicanalítica: um novo instrumento para avaliação de aderência à técnica em estudos de efetividade. *Rev Bras Psiquiatr.* 2008; 30(3): 290-301.
- HERRMANN, F. (1979) *O Método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- HERRMANN, F. (1988) Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In Figueira, S. A. (org.) *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. RJ: Editora Imago, 1989. pp. 13.
- HERRMANN, F. (1997) *Psicanálise do Cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.
- HERRMANN, F. (1999) *O que é psicanálise – para iniciantes ou não...*. São Paulo: Psique, 1999 (pela Editora Brasiliense, 1983).
- HERRMANN, F. (2002) Introdução. O momento da Teoria dos Campos na Psicanálise. In Barone, L. M. C. (org.) *O psicanalista : hoje e amanhã. O II encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. SP: Casa do Psicólogo, 2002. pp. 11-24.
- JUNG, S. I.; FILLIPPON, A. P. M.; NUNES, M. L. T.; EIZIRIK, C. L. História recente e perspectivas atuais da pesquisa de resultados em psicoterapia psicanalítica de longa duração. *Rev. Psiquiatr. RS* set/dez 2006; 28(3): 298-312.
- JUNG, S. I.; NUNES, M. L. T.; EIZIRIK, C. L. Avaliação de resultados da psicoterapia psicanalítica. *Rev. Psiquiatr. RS.* 2007; 29(2): 184-196.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LAVERDE-RUBIO, E. Metodología de la investigación: Psicoterapia analítica y psicoanálisis. *Rev. Colomb. Psiquiatr.*, vol. 37, n.4, 2007. p. 118-128.
- LAVERDE-RUBIO, E. Investigación sobre resultados en psicoterapia analítica. *Rev. Colomb. Psiquiatr.*, vol.37, Suplemento n.1, 2008. p. 53S-62S.
- LOPARIC, Z. (1997) Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. In Catafesta, I.F.M. *A Clínica e a Pesquisa no Final do Século: Winnicott e a Universidade*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1997.
- LOPARIC, Z. (2006) De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Winnicott E-Prints*, Vol. 5, n. 1, 2006, pp. 1-29.
- LOPES, S. R.; TARDIVO, L. S. L. P. C.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; CONTI, V. (2002). A Representação do Jovem na Cidade de São Paulo. In: II Congresso de Adolescência do Cone Sul, 2002, Londrina. Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul, 2002. v. 1. p. 41-41.
- MACHADO, M. C. L.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2003) Sofrimento, Sentido e Absurdo: Ilusão Criativa e Ação sobre o mundo. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.) *Trajeto do Sofrimento: Rupturas e (Re) Criações de Sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p.40-54.

- MACHADO, M. C. L.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; GIL, C. A.; TARDIVO, L. S. L. P. C. (2003). Oficina Psicoterapêutica de Cartas, Fotografias e Lembranças: uma Experiência Dramática. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.) *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 66-81.
- MEDEIROS, C. (2009) *Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MEDEIROS, C.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. Reflexões sobre o holding na clínica winnicottiana. In: Motta. I.F. (Org.) *Psicanálise no século XXI: as conferências brasileiras de Robert Rodman*. Aparecida: Idéias e Letras, 2006, v.1, p. 37-46.
- MENCARELLI, V. L. (2003) *Em defesa de uma Clínica Psicanalítica Não Convencional: Oficinas de Velas Ornamentais com Pacientes Soropositivos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MENCARELLI, V. L. (2010) *Compaixão na Contratransferência: Cuidado Emocional a Jovens HIV+(s)*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MEZAN, R. (1990) Que significa 'pesquisa' em psicanálise? In Silva, M.E.L. (coord.) *Investigações em Psicanálise*. Campinas, São Paulo, Papirus, 1993. pp. 159.
- MICELLI-BAPTISTA, A. (2003) *Consulta Psicoprofilática ao Residente de Medicina: Proposta de um Enquadre Diferenciado à Luz da Perspectiva Winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MIGLIAVACCA, E. M. (2008) Breve reflexão sobre o Setting. *Boletim de Psicologia*, Vol. LVIII, n° 129, 219-226.
- MINHOTO, M. (2001) *Meninos de Rua e Meninos de Casa? Representação Social de Adolescentes: um Estudo sobre Alteridade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MINHOTO, M.; AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Utilización del Procedimiento Dibujos-Cuentos con Tema en la Investigación del Imaginario de Adolescentes sobre Niños de la Calle. In: XIII Congreso Latinoamericano de Rorschach y Metodos Proyectivos, 2006, Lima. Resúmenes y Trabajos del XIII Congreso Latinoamericano de Rorschach y Metodos Proyectivos. Lima: Pontificia Universidad Católica del Peru, 2006.
- OLIVEIRA, M. T.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; TARDIVO, L. S. L. P. C. (2003). El empleo del procedimiento proyectivo de dibujo temático como mediador en el contacto terapéutico. In: XII Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Tecnicas Proyetivas, 2003, Montevideo. Transformaciones en la Subjetividad: Retos a la Psicología y sus Instrumentos. Montevideo: Asociacion Latinoamericana de Rorschach, 2003. v. 1. p. 552-558.

- ORANGE, D. M. *Emotional Understanding: studies in psychoanalytic epistemology*. New York: Guilford Press, 1995.
- PALMA, C. M. S.; JARDIM, L. L.; OLIVEIRA, I. M. Como abordar os efeitos de um tratamento ofertado em um serviço de psicanálise no âmbito público. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XIV n. 1 jan/jun 2011. p.113-127.
- PANDIELLA, A. A. (2000) Regresión y Encuadre. In XI Encontro Latino Americano sobre o pensamento de D. W. Winnicott - O Homem e Seu Ambiente: Encontros e Desencontros. Rio de Janeiro.
- PEUKER, A. C.; HABIGZANG, L.F.; KOLLER, S.H.; ARAUJO, L.B. Avaliação de Processo e resultado em psicoterapias: Uma Revisão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.14, n.3, p.439-445, jul./set. 2009.
- PLASTINO, C. A. O quinto rombo: a psicanálise. In Santos, B.S. (org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2.ed.-São Paulo: Cortez, 2006. p. 429-456.
- POLITZER, G. (1928) *Critica de los fundamentos de la psicología*. México, Martinez Roca, 1972.
- PONTES, M. L. S. (2011) *A Hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- ROSA, J. T. Fundamentos da Construção da Escala do Diagnóstico Adaptativo Operacionalizado. *Mudanças* (São Bernardo do Campo), v.3, n.3/4, p.9-12, 1995.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2000) *Souffrance psychique, rêve, inconscient: nouveaux enjeux de la modernité*. In MAJOR, R. (org.) *Etats Generaux De La Psychanalyse*, Paris, Editora Aubier, 2003.
- SAFRA, G. (1995) *Momentos mutativos em psicanálise: uma visão winnicottiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 231p.
- SAFRA, G. (1996) Experiência estética na constituição da transicionalidade. In Catafesta, I. F. M. (org.) *D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo*. São Paulo: Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996. 343p.
- SAFRA, G. (1999) *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco 1999.
- SAFRA, G. (2006) Placement: Modelo clínico para o acompanhamento terapêutico. *Ano X*, n. 18 – São Paulo, p. 13-20.
- SAFRA, G. [s.d.] O Corpo. In Safra, G. *Desenvolvendo a Memória do Humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Sobornost, s/d. pp. 34.
- SALES, C. Aspectos metodológicos de la investigación de la psicoterapia. Panorama histórico. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.* 2009, vol.XXIX, n.104, pp. 383-403.
- SANTOS, B. S. (1987) *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

- SANTOS, B. S. (2006) *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2.ed.-São Paulo: Cortez, 2006.
- SATO, H. (2001) *Práticas Psicanalíticas em Instituições: Oficinas de Arranjos Florais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SATO, H. (2007) *Enquadres clínicos diferenciados na reforma psiquiátrica*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SECHEHAYE, M. A. Memórias de uma esquizofrênica. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1950.
- SECHEHAYE, M. A. Symbolic Realization. New York: International Universities Press, 1951.
- SILVA, J. F. R.; YAZIGI, L.; FIORE, M.L.M. Psicanálise e Universidade: a interface possível por meio da pesquisa psicanalítica clínica. Alice quebra vidros. *Rev. Bras. Psiquiatr.* 2008; 30(2): 152-5.
- SILVA, M. E. L. (1990a) Pensar em Psicanálise. In investigação e psicanálise, SILVA, M.E.L. (coord.). Campinas, SP: Papyrus, 1993. pp.11
- SIMON, R. (1990) Pesquisa Combinando técnicas projetivas e psicanálise. In SILVA, M.E.L. (coord.). Investigações em Psicanálise. Campinas, SP: Papyrus, 1993. pp. 159.
- SIMON, R. Relação entre o diagnóstico operacionalizado, a psicopatologia da depressão e psicoterapia psicanalítica. *Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais São Paulo* v. 8, n. 13, p. 165-190, 2000.
- SIMON, R. Correlação psicanalítico-adaptativa utilizando modelo de geometria. *Mudanças: Psicologia da Saúde São Bernardo do Campo* v. 13, n. 1, p. 7-29, 2005.
- SIMON, R.; Yamamoto, K. Psicoterapia Breve Operacionalizada em Situação de Crise Adaptativa. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 16 (2), Jul-Dez 2008, 144-151p.
- SOUZA, O. Os Continentes e o vazio em psicanálise. In Da Poian, C. (org.) *Formas do vazio: desafio ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera, 2001, p. 131-141.
- STOLOROW, R. D. & LACHMANN, F. M. (1983) *Psicanálise das paradas do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- STOLOROW, R. D. (2000a). From isolated minds to experiential worlds: na intersubjective space odyssey. *American Journal of Psychotherapy*, vol.54, n.2, spring, 2000.
- STOLOROW, R. D. (2000b). Psicanálise relacional: entrevista com Robert Stolorow. *Percurso*, 13 (24), 97-102.
- TRINCA, W. (1976) *Investigação Clínica da Personalidade*. Belo Horizonte, Interlivros.
- TACHIBANA, M. (2006) *Rabiscando desenhos-estórias: encontros terapêuticos com mulheres que sofreram aborto espontâneo*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.



- TACHIBANA, M. (2011) *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de Doutorado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- TARDIVO, L. S. L. P. C. (2004) O Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social e o APOIAR: fundamentos e propostas. *Psic* (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 1, p. 40-47, 2004.
- TARDIVO, L. S. L. P. C. (2010) Compreensão e abordagem de pacientes de difícil acesso em psicoterapia psicanalítica: alcances e limitações. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, v. XL, p. 2-4, 2010.
- TARDIVO, L. S. L. P. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2001). Natureza e Esportes ou Violência e Drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. *Psic* (São Paulo), São Paulo, v. 2, n. 3, p. 26-37, 2001.
- TARDIVO, L. S. L. P. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; LOPES, S .R. (2002). A Representação do Jovem pelo Jovem Indígena Aculturado no Estado do Amazonas. In: II Congresso de Adolescência do Cone Sul, 2002, Londrina. Anais do II Congresso de Adolescência do Cone Sul, 2002. v. 1. p. 42.
- VAISBERG, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; TARDIVO, L. S. L. P. C.; MACHADO, M.C.L. (2003). Fatalidad o responsabilidad?: Estudio del imaginario de atletas por medio del procedimiento de dibujos- cuentos con tema. In: XII Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Tecnicas Proyetivas, 2003, Montevideo. Transformaciones en la Subjetividad: retos s La Psicologia Y sus Instrumentos. Montevideo: Asociacion Latinoamericana de Rorschach, 2003. v. 1. p. 507-510.
- VITALI, L. M. (2004) *'Flor-Rabisco': Narrativa Psicanalítica sobre uma Experiência Surpreendente*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VITALI, L. M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. (2003) "Flor-rabisco": a oficina psicoterapêutica de arranjos florais. In Aiello-Vaisberg, T.; Ambrosio, F.F. (orgs.) *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p. 141-152.
- WINNICOTT, D.W. (1945) Desenvolvimento Emocional Primitivo. In Winnicott, D.W. *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 269-285.
- WINNICOTT, D.W. (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In Winnicott, D.W. *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 389-408.
- WINNICOTT, D.W. (1952) Ansiedade associada à insegurança. In Winnicott, D.W. *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 205-210.
- WINNICOTT, D.W. (1962a) Os objetivos do tratamento psicanalítico. In Winnicott, D.W. *O Ambiente e os processos de maturação*. (T.C.S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p.152-155.

- WINNICOTT, D.W. (1962b) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In Winnicott, D.W. *O Ambiente e os processos de maturação*. (T.C.S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p.55-61.
- WINNICOTT, D.W. (1964) O mundo em pequenas doses. In Winnicott, D.W. *A criança e seu mundo*. (A. Cabral, Trad.). 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p.76-82.
- WINNICOTT, D.W. (1965). O valor da consulta terapêutica. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: (J.O.A. Abreu, Trad.). Artes Médicas, 1994. p. 244-248.
- WINNICOTT, D.W. (1968) O jogo do rabisco. In Winnicott, C., Shepherd, R.; Davis, M. (orgs.) *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. (J.O.A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. p.230-243.
- WINNICOTT, D.W. (1971a). *O brincar e a realidade*. (J.O.A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D.W. (1971b) Introdução. In *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. (J. M. X. Cunha, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1984. p.9-19.
- YAMAMOTO, K.; SIMON, R. Eficácia da adaptação de pessoas com hipertensão essencial e uma avaliação com Teste Estilocrômico. *Mudanças São Paulo* v.14, n. 2, p. 171-185, jul-dez. 2006.
- YAZIGI, L.; AMARO, T. C.; FIORE, M. L. M.; SEMER, N. L. Rorschach Sistema Compreensivo na avaliação de psicoterapia psicodinâmica. *Psico-USF*, v.15, n.2, p.257-270, maio/ago 2010.
- YIN, R. K. Case Study Research: Design and Methods. London: Sage, 2008.
- YOSHIDA, E. M. P (1998). Avaliação de mudança em processos terapêuticos. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, vol.2, n.2, pp. 115-127.
- YOSHIDA, E. M. P (1999). Psicoterapia breve e prevenção: eficácia adaptativa e dimensões da mudança. *Temas psicol.* [online]. 1999, vol.7, n.2, pp. 119-129. ISSN 1413-389X.
- YOSHIDA, E. M. P (2008). Significância clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2008, vol.18, n.40, pp. 305-316. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200008>.
- ZIA, K. P.; AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Do Quartinho para a Toca dos Leões: uma experiência com professores envolvidos com a inclusão escolar a partir de um enquadre cênico diferenciado. In: VII Jornada APOIAR - Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica, 2009, São Paulo. Anais da VII Jornada APOIAR - Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica. São Paulo: IPUSP, 2009. v. 1. p. 374-384.
- ZIA, K. P.; AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A Arte do Teatro Espontâneo no Atendimento Psicoprofilático a Professores Envolvidos no Processo de Inclusão Escolar. In: Amarante, P.; Nocam, F. (orgs.). *Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates*. 1a. ed. São Paulo: Zagodoni Editora Ltda., 2012, v. 01, p. 97-111.